



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - FCI

O livro eletrônico como marco evolutivo no contexto da História do Livro

**Aline Yuko Inatomi
Isaura Mendes do Nascimento**

Brasília, DF
Julho, 2011

**ALINE YUKO INATOMI
ISAURA MENDES DO NASCIMENTO**

O livro eletrônico como marco evolutivo no contexto da História do Livro

Monografia apresentada à Faculdade de
Ciência da Informação, da Universidade de
Brasília, como requisito parcial para
obtenção do Grau de Bacharel em
Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Dulce Maria Baptista

Brasília, DF
Julho, 2011

I35a Inatomi, Aline Yuko.

O livro eletrônico como marco evolutivo no contexto da história do livro /Aline Yuko Inatomi ; Isaura Mendes do Nascimento. -- Brasília, 2011.

70f. : il.

Monografia (Graduação) Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências da Informação, 2011.

Orientadora: Profª Dra. Dulce Maria Baptista

Bibliografia

1. Livro eletrônico. 2. História do livro. 3. Tecnologia da Informação. I. Título.

CDU 027



Título: O livro eletrônico como marco evolutivo no contexto da História do Livro.

Alunas: Aline Yuko Inatomi e Isaura Mendes do Nascimento

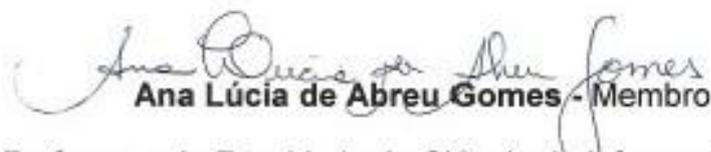
Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 11 de julho de 2011.


Dulce Maria Baptista – Orientadora

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Doutora em Ciência da Informação


Ana Lúcia de Abreu Gomes - Membro

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Doutora em História


Greyciane Souza Lins – Membro

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Mestre em Ciência da Informação

Dedico esse trabalho aos meus queridos pais, que são simplesmente essenciais para mim.

(Isaura)

Dedico este trabalho ao meu pai e à minha mãe, que sempre me apoiaram e acreditaram em mim. À Baa, base de todos os valores que possuo. À tia Shi que sempre incentivou os estudos, e que, literalmente me carregou de um lado para outro nesses quatro anos. Às minhas irmãs: Akemi, Érica, Gu e Karis, que, cada qual ao seu modo, contribuem para que eu saia do sério (no bom sentido) e possa apreciar tudo de bom que a vida tem a oferecer.

(Aline Yuko)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à Meu Deus, que sempre tem me guiado e me fortalecido.

Agradeço também à minha, não só dupla na monografia, mas também, amiga, companheira e conselheira. Obrigada pela paciência e dedicação.

Obrigada à minha família que me suportaram durante esses meses, com todos os meus chiliques e acessos de raiva.

Obrigada aos meus amigos que aceitaram as minhas negações aos seus pedidos de saída.

Também não poderia deixar de agradecer a minha doce e alegre cachorrinha Nina, que sempre me proporciona momentos divertidos e que de certa forma me ajudou a relaxar em determinados momentos.

Enfim, obrigada a todos que fazem parte da minha vida e que são importantes.

(Isaura)

Agradeço à Deus por ter me dado tranqüilidade e serenidade nessa etapa. E à minha família, sempre firme ao meu lado, que com sua dedicação, companheirismo, compreensão e apoio, me faz seguir sempre adiante.

À professora Dulce, que com suas 'sacadas' brilhante nos levou além de onde pretendíamos chegar. Muito obrigada por ter aceitado essa orientação!

Aos mestres e seus ensinamentos. E aos chefes e demais profissionais dos estágios pelos quais passei, mestres para a vivência profissional.

Aos amigos que com sua diversidade louca foram capazes de tornar a vida mais leve, divertida e feliz.

Um agradecimento especial à minha dupla, amiga querida, obrigada pelas brigas e discussões que não ocorreram, por não cobrar e pressionar, e também por não ter dado chiliques comigo. Muito obrigada!

(Aline Yuko)

*"Os usos e costumes coexistem e nada nos
apetece mais do que alargar o leque dos possíveis."
(Umberto Eco)*

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer aspectos do livro eletrônico, trazendo abordagens referentes ao mesmo, enquanto marco evolutivo dentro do contexto da História do Livro. Assim, com base em uma pesquisa documental e exploratória, busca-se elucidar aspectos que são mais históricos do que propriamente tecnológicos, os quais incluem o livro eletrônico e seu impacto na sociedade, visando contribuir à caracterização do livro eletrônico como instrumento atual de disponibilização de informação, identificar tendências do livro eletrônico como fruto da trajetória ocorrida ao longo da História do Livro, e contribuir à reflexão sobre o futuro do livro impresso dentro de uma sociedade em constante evolução tecnológica, perpassando ainda por questões referentes ao direito autoral. Para tanto foram utilizadas as fontes de informações tradicionais, livros e periódicos, e ainda os blogs, por ser este um instrumento de comunicação amplamente utilizado para livre expressão de opiniões. Discute por fim a coexistência desses dois meios diante de especulações e embates da diversidade de suportes hoje existentes e dos gostos e preferências pessoais

Palavras-chave: Livro. Livro eletrônico. E-book. História do livro. Tecnologia da informação.

Abstract

This research lens to examine in details electronic book aspects, with it self broach as a evolutionary mark in the context of the book history. Therefore, on the bases of one documentary mark in and exploratory research, it trys to elucidate aspects that are more historical than strictly technological, that includes the electronic book and its impact in the society, aiming to contribute to characterize the electronic book as a current instrument to make the information available, to identify the book electronic trends as a result of the progress along the book history and to help the reflection about the future of the printed book in a society that is in a constant technological changing, and some reasons about copyright . So it has been used traditional information sources: books, periodics, and blogs, because they are communication instruments hard used to the free expression of opinions. It discusses, finally, the coexistence of those two ways, among speculation and chars in the diversity of tastes and personal preferences.

Keywords: Book. Electronic Book. E-book. History of Book. Information technology.

Lista de figuras

Figura 1 - Pintura rupestre	14
Figura 2 - Exemplo de escrita ideográfica: hieróglifos egípcios	14
Figura 3 - Monge copista.....	16
Figura 4 - Tabuleta de barro, argila e cerâmica, respectivamente.	19
Figura 5 - O Papiro de Ahmes e o Papiro dos mortos.....	19
Figura 6 - Peça de pergaminho e o rolo de pergaminho	20
Figura 7 - Precedentes da encadernação e a Bíblia de Gutemberg.....	20
Figura 8 - Modelos atuais: livro “tradicional” e o e-book.....	20
Figura 9 - Exemplo de leitor para e-books: o mais antigo, Rocket eBook, e o atual Kindle.	21
Figura 10 - Página inicial do Google Book Search.....	35
Figura 11 - Duas formas de leitura.....	39

Lista de quadros

Quadro 1 - Resumo do processo evolutivo do livro.....	19
Quadro 2 - Vantagens e desvantagens do livro eletrônico.....	24

Sumário

1	Introdução	11
2	Justificativa	11
3	Objetivos	12
3.1	<i>Objetivo geral</i>	12
3.2	<i>Objetivos específicos</i>	12
4	Metodologia	12
4.1	<i>Tipo de pesquisa</i>	12
4.2	<i>Coleta de dados</i>	13
5	Análise documental	13
5.1	<i>Surgimento da escrita: uma pré-história para o livro</i>	13
5.2	<i>Trajectoria do escrito</i>	15
5.2.1	Fatos e fatores que marcaram a História do Livro	18
5.3	<i>Livro eletrônico (e-book)</i>	21
5.4	<i>O livro eletrônico na sociedade contemporânea</i>	25
5.5	<i>O livro eletrônico no Brasil</i>	27
6	Novos hábitos de leitura nos tempos da web	28
7	A questão envolvendo o direito do autor	31
7.1	<i>Projeto Google (Google Book Search)</i>	34
8	Breve panorama social sobre “o fim do livro”	36
9	Coexistência: uma possibilidade?	39
10	Considerações finais	41
	Referências	43
	Referências de blogs	48
	Anexo 1: Levantamento de referências	50
	Anexo 2: Texto do Millôr Fernandes	70

1 Introdução

Este trabalho tem como tema o livro eletrônico, sob o enfoque de suas principais características em relação ao livro impresso, e como inovação ocorrida no âmbito da história do livro. Sua abordagem voltada a comparações e discussões, busca se valer de embasamento teórico e de novos instrumentos de comunicação, como por exemplo, o blog.

Visto que a tecnologia tem trazido mudanças constantes para o livro, aperfeiçoando e agilizando sua reprodução e propagação, o presente trabalho pretende discutir a evolução do livro em relação às inovações tecnológicas, principalmente acerca do surgimento do livro eletrônico/digital, o impacto dessas mudanças na sociedade, e o futuro do livro impresso.

O livro como conhecemos hoje já passou por diversas transformações desde a invenção da escrita, principalmente com a criação da imprensa de Gutemberg. A tecnologia vem modificando o livro, aperfeiçoando e agilizando sua produção e propagação, e por isso vem dando origem também, a suposições acerca do desaparecimento do suporte papel.

2 Justificativa

Com a discussão acerca das variadas inovações tecnológicas pelas qual passou o livro, percebe-se a necessidade de esclarecimento sobre as novidades presentes nos dias de hoje, sendo que o maior questionamento gira em torno da aparição dos livros eletrônicos. Nesse contexto, especula-se quanto à possibilidade de substituírem por completo os livros impressos.

Trata-se não somente de discutir o embate do livro impresso *versus* o livro eletrônico, mas também de levantar questões acerca da coexistência das diferentes mídias no atual momento histórico, condicionado, que é por questões não só tecnológicas, como econômicas, sociais e referentes ao direito autoral. Esta

pesquisa justifica-se pela atualidade do tema, e por suas potenciais conseqüências na sociedade.

3 Objetivos

3.1 Objetivo geral

Explorar a questão do livro eletrônico como um marco evolutivo na história do livro.

3.2 Objetivos específicos

- Contribuir à caracterização do livro eletrônico como instrumento atual de disponibilização de informação;
- Identificar tendências do livro eletrônico como fruto da trajetória ocorrida ao longo da História do Livro; e
- Contribuir à reflexão sobre o futuro do livro impresso.

4 Metodologia

4.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa documental e exploratória, tanto por se basear em revisão de literatura como pelo fato de procurar elucidar aspectos que são mais históricos do que propriamente tecnológicos dessa questão. A revisão de literatura tem como objeto o livro em si, em sua evolução, a qual inclui o livro eletrônico e seu impacto na sociedade.

4.2 *Coleta de dados*

Para a revisão de literatura, foram selecionados os seguintes tipos de fontes:

- Livros;
- Artigos de periódicos;
- Blogs¹

5 **Análise documental**

De acordo com a metodologia adotada, e considerando os diferentes aspectos relacionados à história do livro, a análise documental apresentada a seguir inclui tópicos que tratam desde o surgimento da escrita até o advento do livro eletrônico.

5.1 *Surgimento da escrita: uma pré-história para o livro*

Não há como falar do livro sem falar da escrita. Por essa razão, será tratado num breve resumo o surgimento da escrita enquanto registro do conhecimento, período este, conhecido como a “pré-história do livro”.

O homem primitivo, para lutar por sua sobrevivência, começou a aprimorar seus sentidos por meio de desenhos que eram reproduzidos nas paredes das cavernas (pinturas rupestres/pictogramas, conhecidos pelo nome de pictografia). O intuito era fixar aspectos do mundo em que vivia trocando informações com o meio externo e seus representantes, intuito esse, que, a partir de então, passou a expressar forte intenção do ato de se comunicar. Os primeiros pictogramas não asseguravam uma mensagem precisa, pois permitiam interpretações variadas, já que os desenhos não seguiam uma ordem lógica.

¹ por se tratar de um instrumento de comunicação amplamente utilizado como meio de livre expressão de opiniões.



Figura 1 - Pintura rupestre. Fonte: Google Imagens.

Mas com o passar dos anos, o homem passou a representar nos desenhos não mais acontecimentos, mas a própria linguagem utilizada, representando-a na ordem em que era oralmente expressa. Com isso, o pictograma primitivo evoluiu. Para cada desenho representado havia um significado, possibilitando com o tempo a inclusão de desenhos que possibilitavam melhor entendimento das mensagens, surgindo assim a escrita ideográfica.



Figura 2 - Exemplo de escrita ideográfica: hieróglifos egípcios. Fonte: Google Imagens.

Pode-se inferir então, que a escrita surgiu como uma urgência do ser humano primitivo por querer registrar informações, garantir sua memória, e por fim, aprimorar-se na escala de evolução, mesmo que de forma totalmente inconsciente. McGarry (1999 *apud* Menezes, 2010, p. 22, grifo nosso) afirma que: “[...] as sociedades têm armazenado e organizado [...] a crescente ‘reserva de pensamentos registrados’ no passado [...] para que se possa voltar a utilizá-la”.

Assim, a passagem do oral e/ou pictográfico para o escrito é de grande

importância para o surgimento do livro em si, trazendo consigo a mesma preocupação que transpõe século após século, ou seja, a necessidade humana de fazer um registro seguro das informações e, sobretudo, do conhecimento que se pretende perenizar e comunicar.

5.2 Trajetória do escrito

Um livro não existe sem leitor, ele pode existir como objeto, mas sem leitor, seu texto é apenas virtual (CHARTIER, 1999, p.53)

Os primeiros registros escritos são datados de 4000 a.C. Por conta do início da comunicação escrita, esse período é considerado como o do início da História. Esses escritos eram feitos sobre pedras (barro), argila, cerâmica ou madeira que eram materiais pesados e de difícil manuseio e armazenamento.

Em 2.400 a.C. surge no Egito o papiro, que é a parte interna do caule de papiro, uma planta encontrada às margens do rio Nilo. Nele o texto era escrito em colunas e se colava essa folha na extremidade de outra folha, de modo que, dessa maneira, eram obtidos os rolos de papiro, que em alguns casos chegavam a medir até dezoito metros de comprimento. O papiro é considerado um dos produtos vegetais mais célebres, devido à sua importância histórica. Esse tipo de material foi usado durante muito tempo. Porém mesmo diante dessa importante mudança, a produção do papiro era muito limitada, pois seu custo era alto, e a quantidade que era produzida não atendia as necessidades de suporte para a escrita na época.

Já no século XI a.C. surge o pergaminho. Esse tipo de material era obtido a partir do couro do animal e substitui o papiro. No século I da era cristã, essas folhas de pergaminho passam a ser arrumadas de forma seqüencial e assim costuradas e amarradas a tábuas de madeira, dando origem aos primeiros livros. O pergaminho era um material que possuía um alto preço e esse fato explica o fenômeno dos *palimpsestos* (significa “raspado de novo”) que é o ato de se raspar textos de manuscritos para assim reaproveitar o pergaminho para uma nova escrita.

Essa mudança de suporte, ou seja, a troca do papiro pelo pergaminho ocasiona uma grande mudança, pois antes o leitor tinha que desenrolar o livro para assim o ler. Agora, apenas tem que folhear, facilitando dessa forma o processo de leitura.

Durante a Idade Média, a igreja Católica monopolizou a produção de livros. Segundo Vicentino e Dorigo:

O trabalho dos monges copistas, reclusos em mosteiros, permitiu preservar muitos manuscritos da Antiguidade Clássica. No período medieval, esses indivíduos eram praticamente os únicos com cultura letrada. Nesse quadro, não é de estranhar que o principal filósofo medieval tenha sido um religioso do Baixo Império Romano, preocupado basicamente com assuntos ligados à doutrina cristã. Santo Agostinho [...] (VICENTINO; DORIGO, 2002 p.137).

Para Martins (2002) durante a Idade Média, o livro é uma indústria exclusivamente monástica. E além de um trabalho manual, essas cópias de manuscritos eram uma forma de exercitar o lado espiritual da pessoa, para assim aprimorar as virtudes. Depois de prontos, os livros eram de acesso restrito aos homens da igreja e aos pouco privilegiados que não ocupavam cargos eclesiásticos.

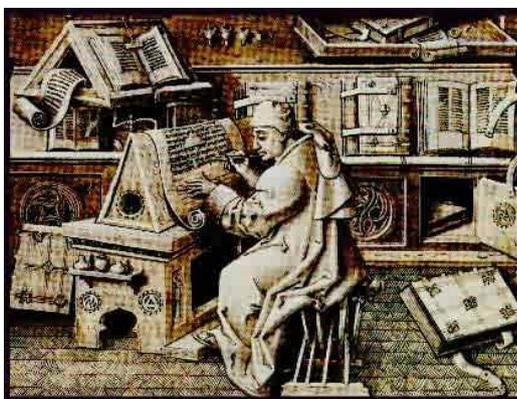


Figura 3 - Monge copista. Fonte: Google Imagens.

Outro fator que restringia e elitizava o acesso à informação, era a questão da língua oficial. Esses manuscritos utilizavam o Latim culto, enquanto a maioria da população era iletrada, e por isso fazia uso – predominantemente oral – do seu idioma vernáculo.

Após o papiro e o pergaminho, chegou a vez do papel se fixar como o novo suporte para a escrita. Surgido na China, há indícios de que os chineses fabricavam

livros desde mais ou menos dois séculos antes de Cristo. Contudo, esses livros não eram feitos de papel propriamente dito, mas de seda. Como a seda era um material muito caro, os chineses sempre tentavam inventar outro tipo de material para substituir a seda, então começam a produzir o papel de seda. O processo de fabricação desse papel de seda é muito semelhante ao processo que levou à criação moderna do papel.

No fim da Idade Média, chega na Europa o papel, produzido inicialmente a partir de trapos, e posteriormente de pasta de madeira. Foi trazido pelos árabes para substituir o pergaminho, pois esse já não supria a grande demanda das cidades européias da época. A entrada do papel deu-se paulatinamente porque o status do pergaminho era bem elevado. No início o papel não foi muito aceito por, digamos assim, preconceito, pois aparentava ser bem mais frágil com relação ao pergaminho.

Dessa forma o papel, que é mais barato que o pergaminho, aumenta o uso da escrita e faz com que esta deixe de ser privilégio apenas do monastério e passa a atingir outras classes sociais. Em menos de um século o papel já era produzido em toda a Europa, abrindo caminho para o aparecimento da Imprensa.

O marco principal da escrita se dá em 1448 quando Gutenberg criou os tipos móveis de metal (ou prensa de tipos móveis), ou seja, a primeira impressora. É importante ressaltar que a utilização dos tipos móveis é anterior ao surgimento da imprensa, em si. Foi só por meio desses tipos móveis que o livro ganhou a aparência que tem hoje.

Abaixo uma pequena relação de algumas das grandes contribuições da tipografia:

- Os livros multiplicaram-se e passaram a ser mais usados;
- Começaram a se desenvolver bibliotecas particulares;
- Tornou-se possível uma reprodução mais fiel de textos.

Essa inovação também ofereceu maior velocidade na produção dos registros e com isso a diminuição do tempo de produção, proporcionando, dessa forma a popularização da leitura, pois os livros se tornaram mais baratos e

consequentemente mais acessíveis. Assim surge a Tipografia, precursora da imprensa. Este invento de Gutenberg é considerado um marco na história da humanidade, pois propiciou a primeira revolução da informação. Segundo Darnton (2010), o livro atinge seu ápice cultural quando Gutenberg modernizou o códice.

Quando o livro era manuscrito, este não causava preocupações pelo simples motivo de ser de acesso restrito. Mas com o aparecimento da imprensa e com a possibilidade de impressão em massa, tendo por consequência a popularização dos livros, as classes dominantes começaram a se sentir ameaçadas.

Percebe-se então que o advento da imprensa causa uma grande revolução e uma democratização do conhecimento, conferindo à humanidade o primeiro grande meio de comunicação. Portanto o livro impresso foi considerado um instrumento de libertação por oferecer às classes menos favorecidas o acesso ao conhecimento.

Na Revolução Industrial, no século XIX, surgiu a prensa metálica, a prensa de rolos e a prensa de pedal, e por fim, a prensa mecânica e a prensa a vapor. Esses novos tipos de prensa substituíram os antigos tipos da época de Gutenberg.

A industrialização do livro aumentou mais ainda a velocidade de produção e dessa forma diminuiu os preços e os tornou mais acessíveis. Nesse mesmo século, teve início a utilização de processos fotográficos na ilustração de livro e isso veio a ser considerado mais uma grande revolução na indústria dos livros até os dias de hoje.

5.2.1 *Fatos e fatores que marcaram a História do Livro*

Em seguida um quadro resumo com os principais fatores que marcaram a História do Livro, que busca agregar desde fatos da Idade Antiga até os dias de hoje.

Idade Antiga	<ul style="list-style-type: none"> - surgimento da escrita; - tabuletas de argila ou pedra, papiros (volumen); - pergaminhos (códex).
Q Idade Média	<ul style="list-style-type: none"> - substituição do pergaminho pelo papel;
Idade Moderna	<ul style="list-style-type: none"> - imprensa de tipos móveis (produção em massa); - livros de bolso.
Idade Contemporânea	<ul style="list-style-type: none"> - informação não-linear (hipertexto); - indústria editorial; - novos tipos de registros (sonoros, fotográficos, e filmográficos); - e-books (livros eletrônicos).

Quadro 1 - Resumo do processo evolutivo do livro. Fonte: autoria própria.

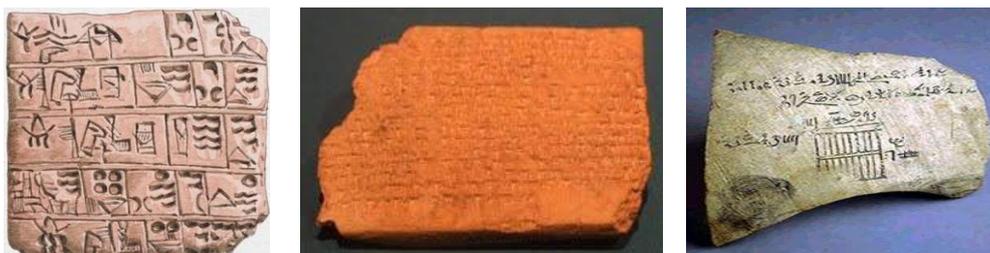


Figura 4 - Tabuleta de barro, argila e cerâmica, respectivamente. Fonte: Google Imagens



Figura 5 - O Papiro de Ahmes e o Papiro dos mortos. Fonte: Google Imagens.



Figura 6 - Pedaco de pergaminho e o rolo de pergaminho. Fonte: Google Imagens.



Figura 7 - Precedentes da encadernação e a Bíblia de Gutemberg. Fonte: Google Imagens.



Figura 8 - Modelos atuais: livro "tradicional" e o e-book. Fonte: Google Imagens.

Conforme visto acima, a trajetória do livro seguiu uma série de etapas com características próprias, e intervalos de tempo cada vez menores. E, partindo desse breve quadro ilustrativo, é possível ainda, mencionar a velocidade aproximada com que essas mudanças ocorreram:



² Projeto Google (Google Book Search) é uma iniciativa que visa digitalizar o acervo das mais importantes bibliotecas e de obras que se encontram no domínio público.

5.3 Livro eletrônico (e-book)

A revolução do livro eletrônico é uma revolução das estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler (CHARTIER, 1999, p. 13)

O livro eletrônico, ou e-book, é um tipo de mídia que comporta informações que estão presentes em um livro comum, mas em formato digital. Ele pode ser visualizado por meio de aparelhos apropriados, como computadores, celulares, *palm tops*, mp3 e mp4 players ou até mesmo por aparelhos mais específicos, como o e-book reader. Na verdade, livro eletrônico pode significar duas coisas distintas: o aparelho que permite ler o texto digital (que são os dispositivos citados acima), e o próprio texto em formato eletrônico. Sobre o livro eletrônico, Dedim afirma que:

A evolução da ciência, aliada ao desenvolvimento da tecnologia da informação, apresenta inúmeros reflexos nas relações interpessoais, na educação, na economia, no direito. O chamado livro eletrônico ou *e-book* é fruto dessa evolução nas formas de armazenamento, processamento e recuperação de dados e informações (DEDIM *apud* GOMES, 2010, p. 16).



Figura 9 - Exemplo de leitor para e-books: o mais antigo, Rocket eBook, e o atual Kindle.
Fonte: Manual de encadernação: manual do formador.

O e-book surgiu no final do século XX, datando de 1971, quando a Declaração de Independência dos Estados Unidos foi digitalizada. Nesse período, teve início o Projeto Gutenberg, que é considerado a biblioteca virtual mais antiga do mundo. Hoje, o projeto disponibiliza cerca de 20 mil textos gratuitos e 100 mil

livros, em vários idiomas, sendo que as únicas duas línguas em que o site está disponível são o inglês e português.

Em 1988 são lançados os primeiros *softwares* de leitura digital que são os *e-books reader device*. Porém seu boom só ocorre a partir do ano de 2002, quando o autor Stephen King lançou *Riding the Bullet*, um livro que foi lançado exclusivamente na internet. Ficaram responsáveis pela distribuição do livro os sites das livrarias virtuais Amazon e Barnes&Noble. O resultado dessa iniciativa foi o congestionamento das páginas, na medida em que estas ficaram fora do ar devido ao grande número de acessos.

Para muitos autores o livro eletrônico é considerado um marco, uma revolução do livro. Assim como o livro impresso passou por várias etapas de transição, o livro eletrônico também passou por suas transições. Essas transições podem ser divididas em duas fases: a primeira fase é quando o hipertexto passou a ter um espaço e uma larga difusão e uso na elaboração de textos para e na internet. A segunda fase é marcada pelo surgimento dos *devices*, que são dispositivos específicos de leitura. Essa fase é marcada principalmente pelo rompimento de barreiras, como por exemplo, a portabilidade.

Com uma visão um tanto mais divertida, o humorista, dramaturgo, escritor e tradutor, Millôr Fernandes, que é um árduo defensor da leitura em livro tradicional, e do livro em si, expressa isso de maneira simples e espontânea em seu texto L.I.V.R.O (anexo 2), texto amplamente difundido por aqueles que também acreditam na sobrevivência, e prevalência, do livro impresso.

Existe entre nós, muito utilizado, mas que vem perdendo prestígio por falta de propaganda dirigida, e comentários cultos, embora seja superior a qualquer outro meio de divulgação, educação e divertimento, um revolucionário conceito de tecnologia de informação. Chama-se **Local de Informações Variadas, Reutilizáveis e Ordenadas – L.I.V.R.O.**

L.I.V.R.O. que, em sua forma atual, vem sendo utilizado há mais de quinhentos anos, representa um avanço fantástico na tecnologia. Não tem fios, circuitos elétricos, nem pilhas. Não necessita ser conectado a nada, ligado a coisa alguma. É tão fácil de usar que qualquer criança pode operá-lo. Basta abri-lo! (...) Especialistas dividem-se quanto aos projetos de expansão da inserção de dados em cada unidade. É que, para fazer **L.I.V.R.O.s** com mais

informações, basta usar mais folhas. Isso, porém, os torna mais grossos e mais difíceis de ser transportados, atraindo críticas dos adeptos da portabilidade do sistema, visivelmente influenciados pela nanoestupidez. (...) Nunca apresenta "**ERRO FATAL DE SENHA**", nem precisa ser **reinicializado**. (...) E, uma característica de suprema importância: o **L.I.V.R.O.** não enguiça! (FERNANDES, s. d., grifo do autor).

Mas o que torna o livro eletrônico atraente? Assim como o livro impresso, o livro eletrônico também possui suas vantagens e desvantagens. Para Chartier:

Uma grande diferença no livro eletrônico é sua distribuição e edição que diferentemente do livro impresso, essas duas etapas se transformam em uma só. Onde que produz o texto é ou pode ser o editor, e isso acontece graças aos adventos da internet. Ou seja, o que antes eram processos distintos agora são bem próximos (CHARTIER, 1999, p.16).

Livro eletrônico	
Vantagens	Desvantagens
Permite atualização e correções sem ter que adquirir outro exemplar, incorporando somente a parte atualizada ao e-book	Leitura mais lenta, cansativa e requer um maior esforço da visão
Permite que o seu utilizador pesquise por palavras ou trechos em poucos minutos	Perda da sensação física proporcionada pelo livro impresso, pois com este, o contato é mais sensorial por causa do papel, que é um material, palpável, dobrável, etc.
Economia de espaço, pois, oferece a possibilidade de se ter uma biblioteca inteira a partir do computador ou de um dispositivo	Preço elevado dos dispositivos de leitura, que tornam os produtos de difícil acesso para grande parte da população no Brasil
Ecologicamente correto, porque não consome papel, conseqüentemente favorece a diminuição no número de árvores cortadas	A questão da sustentabilidade é um problema, pois o descarte dos aparelhos ainda não é suficientemente ecológico

<p>Baixo custo de produção, reduzindo a impressão, gastos com gráfica, distribuição física e transporte</p>	<p>A segurança dos direitos autorais é um problema que surge, pois apesar de algumas editoras virtuais se ocuparem do assunto, ainda não há garantias de que os autores de documentos produzidos em meio impresso tenham menos prejuízos e sofram menos com os crescentes crimes referentes a direitos autorais</p>
<p>Devido a sua facilidade de edição, a publicação de livros eletrônicos se tornou uma alternativa para autores que não podem contratar os serviços de uma editora</p>	<p>Prejuízo ao mercado editorial e desemprego</p>
<p>Possibilidade de impressão “por encomenda”, ou seja, o sistema de impressão sob demanda</p>	
<p>Podem ser facilmente transportados e transferidos de um aparelho para outro sem a necessidade de eliminar nenhum conteúdo</p>	

Quadro 2 - Vantagens e desvantagens do livro eletrônico. Fonte: autoria própria.

Ainda que se tenha um número de vantagens maior que as desvantagens, essa comparação não permite ainda tornar a versão eletrônica do livro superior à impressa, pois conforme visto no quadro acima, as desvantagens por ele trazidas envolvem questões sociais e princípios que vão além de uma simples questão de preferência e conforto, envolvendo também aspectos como o direito autoral e o desemprego.

5.4 O livro eletrônico na sociedade contemporânea

"É claro que meus filhos terão computadores, mas antes terão livros." (Bill Gates)

Na sociedade contemporânea o conhecimento é fonte de poder. Uma fonte de informação pode determinar e alterar a vida de pessoas e a estrutura da sociedade. Portanto, o saber torna-se essencial para a sobrevivência.

O livro tem papel importante na preservação e transferência da informação, mas seu uso não acontece de forma democrática, pois seus custos são altos, e por isso, com o surgimento do livro eletrônico surge uma esperança de popularização da leitura. O livro eletrônico possui o potencial de distribuição rápida e mais barata de conteúdos.

O livro eletrônico vem transformando a sociedade, tanto na forma de ler quanto nos serviços bibliotecários, ou seja, o livro eletrônico faz parte do novo cenário, além de custar menos que o livro impresso. Esse novo cenário modifica as maneiras de pensar, de escrever, de leitura, aprendizagem, criação entre outros.

Para Chartier (1999), o texto eletrônico vem oferecendo novas possibilidades por ser mais maleável e aberto a modificações. Ou seja, a relação do ser humano com o livro físico, com a leitura e com a tecnologia passará a ser cada vez mais diferente. E todas essas mudanças vêm sendo anunciadas mesmo antes da chegada dos leitores portáteis de e-books, ou seja, sua concepção nem é tão recente assim.

Como demonstra o artigo "*Fim do livro?*" de Arlindo Machado, que congrega uma série de passagens acerca da discussão que dá nome ao próprio artigo, e traz uma série de questões antigas discutidas antes mesmo da possibilidade de existência e criação do livro eletrônico propriamente dito.

Abordando questões de grande relevância para o que se vive hoje, o autor cita o historiador Lucien Febvre (1992): "Na metade do século XX, não temos

certeza de que [o livro] possa ainda por muito tempo continuar a desempenhar seu papel, ameaçado como está por tantas invenções baseadas em princípios totalmente diferentes³.

Walter Benjamin (1978 *apud* Machado, 1994, p. 201) também deu sua contribuição acerca do futuro do livro impresso: "Podemos supor que novos sistemas, com formas de escritura mais versáteis, se farão cada vez mais necessários. Eles substituirão a maleabilidade da mão pela nervosidade própria dos dedos que operam comandos".

Ao complementar o que dizia Febvre (1992 *apud* Machado, 1994, p. 201), Machado relata que o livro "que começou sua carreira na metade do século XV", e se viu ameaçado após contribuir com mudanças fundamentais para o mundo moderno, numa era em que a produção em massa era o que havia de mais moderno e rápido, agora parece não fazer mais sentido nessa "sociedade em que as informações circulam segundo a temporalidade própria das ondas eletromagnéticas e das redes de fibras ópticas" (Machado, 1994, p. 201).

O mesmo autor ainda afirma que:

Mas se considerarmos que as mídias dão continuidade, em nosso tempo, ao projeto histórico do livro, é preciso também considerar que, nesse mesmo movimento, elas o transformam, redirecionando-o em função das novas necessidades do homem contemporâneo. O livro passa a ser pensado agora como *dispositivo*, como maquinaria, cuja função é não apenas *dar suporte* ao pensamento criativo, mas também colocá-lo em operação. Se antes considerávamos o livro como um recurso para colocar a memória do homem fora do próprio homem (dando-lhe assim maior poder de difusão e de permanência), memória todavia estática e resistente às mutações do próprio homem, podemos agora visualizá-lo como uma máquina no interior da qual o pensamento já está a laborar (MACHADO, 1994, p. 207)

Algumas das mudanças que a utilização do livro eletrônico poderá trazer à sociedade são: maior portabilidade e fragmentação da leitura, e essa fragmentação pode levar futuras gerações a adquirirem novas práticas de leitura. Para Roger Chartier:

³ citação retirada da obra de Henry-Jean Martin, 'O Aparecimento do livro' (1992:14).

“O texto eletrônico pode dar realidade aos sonhos, sempre inacabados, de totalização do saber que o precedeu. Tal como a biblioteca de Alexandria, ele promete a universal disponibilidade de todos os textos escritos, de todos os livros publicados. Como a prática de lugares comum à Renascença, ele chama a colaboração do leitor que pode, a partir de agora, escrever no próprio livro, portanto, na biblioteca sem muro da escrita eletrônica” (CHARTIER, 1999, p.17)

Apesar de todas as modificações que o livro eletrônico irá proporcionar à sociedade, seu potencial ainda não é totalmente explorado, mas, eles podem apontar um caminho para uma distribuição menos desigual do saber, ajudando na ascensão dos muitos excluídos existentes na sociedade contemporânea.

5.5 O livro eletrônico no Brasil

Não há progresso sem mudança. E quem não consegue mudar a si mesmo acaba não mudando coisa alguma. (George Bernard Shaw, 1856-1950), dramaturgo inglês.

Apesar de no Brasil não haver uma tradição reconhecida, de leitura, tanto que o nível de leitura é um dos mais baixos do mundo (3,7 livros lidos por habitante), nota-se a tendência de alguns em aderir à novidade dos livros eletrônicos, pois estes têm causado encantamento em possíveis usuários. Entretanto os altos preços dos aparelhos leitores de livros eletrônicos e algumas preferências com relação ao livro impresso, como por exemplo, a materialidade e o “poder virar as páginas”, são alguns dos fatores que, por enquanto, impedem o crescimento no número de leitores eletrônicos no país.

O Brasil está dando seus primeiros passos em relação ao livro eletrônico. Grande parte dos editores e dos livreiros ainda não possui livros nesse formato. Os brasileiros têm se mostrado bem interessados por novas mídias e por novas tecnologias, tanto que o acesso à internet no Brasil vem crescendo cada vez mais, porém o interesse e a procura por livros eletrônicos não é significativa. Ainda existem muitas dificuldades para uma popularização desse tipo de livro, pois grande parte da população mal tem acesso ao livro impresso, menos ainda, então,

ao livro eletrônico, pois como foi dito no início, este necessita de um suporte para a leitura e tal suporte não tem o preço baixo.

O Brasil é um dos países que mais acessam a internet, ficando à frente da Alemanha, Japão e Reino Unido, e isso poderia ser usado como um grande auxílio à educação e como uma ferramenta de incentivo à leitura. A internet pode se transformar em uma importante ferramenta para a disseminação da cultura e da leitura, mas para tanto, é preciso que as políticas de inclusão digital sejam eficazes e estejam integradas a políticas voltadas a educação e cultura.

No país existem algumas boas iniciativas, das quais um bom exemplo é o site Domínio Público, do Governo Federal. O site disponibiliza livros para o *download* de forma gratuita. O acervo do site é composto por obras que tenham a licença do autor ou que estejam no domínio público. Além de livros, o portal também possui um acervo de fotos, vídeos e textos de domínio público.

Mas antes de qualquer política para o incentivo do livro eletrônico, torna-se primeiramente necessária a existência de políticas que permitam o aumento do número de leitores no país, sendo necessárias então varias ações e políticas que incentivem as crianças a ler, que melhor capacitem os professores, que incentivem os familiares na educação de crianças e jovens, e que possibilitem a construção de boas, atualizadas e bem equipadas bibliotecas públicas.

6 Novos hábitos de leitura nos tempos da web

Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas. (Mário Quintana)

Para Bellei (2002), o livro é muito mais que do que um objeto, sendo, portanto, um instrumento que propicia além de certa ética individual, o desenvolvimento de um ser social e ainda contribuir com expressivas mudanças no

indivíduo que o lê. Por isso o hábito da leitura, ou de se utilizar o livro, vai além de simplesmente instruir intelectualmente, trazendo consigo a responsabilidade por moldar o indivíduo.

Na época da Idade Média a leitura dos manuscritos era feita em voz alta ou com um movimento nos lábios, ou seja, era um ato de recitação. Somente no fim da Idade Média é que se torna mais comum a leitura silenciosa e interiorizada. Assim como a forma de leitura se modificou na época medieval, uma nova modificação na forma de leitura está acontecendo com o surgimento, e possível consolidação, do livro eletrônico.

Para Chartier (1998, p. 16): “A mudança do livro não é apenas no seu modo de produção, mas sua forma de ler”. Ou seja, um aspecto importante a ser levado em consideração quando se prevê o fim dos livros impressos é justamente a questão da leitura.

Ao invés de pensar somente na inovação de caráter tecnológico, deve-se analisar que no contexto de uma consulta rápida ou pontual, como em dicionários ou códigos jurídicos, a utilização do e-book é perfeitamente cabível, contudo, ler um livro inteiro, seja ele com 150 páginas ou com 5.472 páginas (como o livro mais grosso do mundo, *'The Collection, Obama and Pluralism'*, sobre a vida do presidente dos EUA) numa tela de computador, ou de leitores digitais, é inviável!

E, fazendo referência a um dos dizeres de Umberto Eco (2003), o resultado de tal leitura em tela seria um par de olhos iguais a duas bolas de tênis. Não que isso seja um feito impossível, mas a leitura se tornaria, além de demorada, um tanto mais cansativa.

Além disso, há outros fatores que levam a pensar na ‘não tão certa’ facilidade e portabilidade dos leitores de e-books, conforme Umberto Eco expôs em palestra proferida na nova Biblioteca de Alexandria, no Egito, em 2003:

Os antigos egípcios podiam entalhar seus registros em obeliscos de pedra; Moisés e Maomé não podiam. Quando se pretende atravessar o mar Vermelho ou ir da península Arábica até a Espanha, um rolo de pergaminho é um instrumento mais prático para registrar e transportar a Bíblia ou o Corão do que um obelisco.

Por isso essas duas civilizações alicerçadas em um livro privilegiaram a escrita em detrimento das imagens. Mas os livros também têm outra vantagem em relação aos computadores. Mesmo quando impressos no moderno papel ácido que dura apenas 70 anos, aproximadamente, os livros são mais duráveis do que o suporte magnético. Além disso, não são afetados por escassez de energia ou por blecautes e são mais resistentes a impactos (ECO, 2003).

Sua tarefa era: falar sobre porque a expansão da Internet não ameaçaria a existência dos livros. E o autor adentra então, em questões de praticidade e portabilidade do livro impresso demonstrando assim algumas grandes vantagens desse formato.

No artigo, **LIVRO TRADICIONAL X LIVRO ELETRÔNICO: a revolução do livro ou uma ruptura definitiva?**, Suzana Ferreira Paulino, também opina sobre a questão da leitura:

A prática da leitura sofreu influência da inclusão das novas tecnologias e seus suportes na sociedade. Em virtude disso, alguns pessimistas insistem em prever o fim do livro impresso. (PAULINO, 2009, p.8)

É fato que com o aparecimento de um novo suporte ocorrerá essa modificação na maneira de ser, e essas modificações acontecem ao longo da história. Porém a maior questão é como serão essas mudanças: serão boas, benéficas, ou apenas modificarão sem qualquer vantagem?

Para Birkerts, essa mudança no modo de leitura não é algo bem visto. Segundo o referido autor a leitura em meio eletrônico é considerada uma leitura “superficial” enquanto em meio impresso é uma leitura mais “profunda”:

Na medida em que nos entregamos à experiência de imersão em um livro, ouvimos música, ou nos entregamos ao universo visual da pintura, somos possuídos pela perda de consciência do presente enquanto força norteadora de uma rede de direções possíveis. Abandonamos a estrutura dominante do agora, substituindo-a por sentidos, sentimentos e absorção. Todas as comunicações eletrônicas, por outro lado, estão fundamentadas no princípio do imediato. Para usá-las, para interagir com elas, torna-se necessário entrarmos em uma espécie de *agora* virtual (BIRKERTS *apud* BELLEI, 2002, p.20- 21).

Uma grande mudança que ocorre é com relação ao objeto físico em si, a possibilidade de pegar, apalpar e folhear o livro, ou seja, a sensação física que se torna ausente no livro eletrônico.

Muitos afirmam ainda que a leitura em meio eletrônico é uma leitura fragmentada e descontínua e possui uma volatilidade informacional maior se levar em consideração o livro impresso. Ou seja, no texto impresso segue uma leitura linear e seqüencial, seu leitor segue uma rota prevista pelo autor, ao contrário do texto eletrônico, onde a leitura é multilinear e seus leitores escolhem suas próprias rotas e caminhos para seguir o texto.

Chartier em seu livro, *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, afirma que, os primeiros leitores de textos eletrônicos não passam mais pelo texto impresso. E que esse novo modo de leitura direta na tela define uma nova figura do leitor do futuro, ou seja, um leitor de textos digitais.

7 A questão envolvendo o direito do autor

O Direito autoral lida com a imaterialidade, que é a principal característica da propriedade intelectual. Com surgimento dos tipos móveis, a escrita é consolidada, surge então a problemática dos direitos autorais, a proteção e remuneração dos autores.

Ivan Carlo Andrade de Oliveira, em seu artigo 'Livro virtuais: a leitura na rede', afirma que: "O direito autoral é decorrência direta do individualismo e da noção de autoria. A imprensa cria a idéia de que o autor deveria receber pela fruição de seu trabalho intelectual" (OLIVEIRA, s.d.).

No início os autores tinham relações pouco profissionais com os seus editores, quando o editor agia como uma espécie de benfeitor e o autor aceitando a publicação do seu livro como um favor, porém, esse quadro começou a se modificar na medida em que os autores passaram a perceber que suas obras

vendiam de fato. Inicia-se então uma fase de profissionalização, em que passam a discutir e exigir seus direitos.

O *copyright* começa então a ser reconhecido, isso na Inglaterra por volta de 1790, sendo considerado então o mais antigo tipo de direito autoral. Segundo Martins Filho, exige-se que as cópias impressas fossem protegidas por 21 anos, contando a partir da impressão, já as obras não impressas eram protegidas por apenas 14 anos.

Pois a internet vem modificando alguns aspectos com relação ao direito de autor. Ela vem permitindo uma democratização da informação e agora o que se tornou mais importante é a livre circulação de idéias.

Com toda essa revolução tecnológica acontecendo no âmbito do livro e da leitura, o Direito autoral também vem passando por profundas mudanças e essas mudanças ocorrem principalmente no que diz respeito ao autor e a obra, pois agora existe a capacidade maior de divulgação e conseqüentemente uma maior acessibilidade. Contudo, um lado negativo é que a obra intelectual vem sendo afetada, ou melhor, vem se fragilizando, pois uma informação digital pode ser corrompida, pois existem programas específicos cujo objetivo é quebrar a integridade de um documento.

Gandelman, afirma que, as perguntas que estão surgindo nem sempre terão respostas satisfatórias:

Só a experiência e o tempo é que indicarão os caminhos a seguir e fornecerão as molduras jurídicas atualizadas pela nova cultura, no que se refere à proteção justa dos direitos autorais (GANDELMAN *apud* MARTINS FILHO, 1998, p.187).

O tema direito autoral é um tema polêmico pelo fato de que as publicações de documentos se tornarão mais fáceis na internet e por esse motivo é muito importante a criação de leis que auxiliem nessa questão, mas não seria essa a única solução, e nem resolveria todo o problema. O pagamento de publicações eletrônicas contraria o espírito da livre circulação, intuito primordial da Internet.

Além do mais uma maior proteção significa menos acessos a obras intelectuais, que em muitos casos, deveriam ser de uso livre.

É importante citar que a questão de apoderação ilegal de propriedade intelectual alheia não é algo novo, isso existe desde Gutenberg, porém está se intensificando com a popularização da Internet e dos e-Books. A pirataria e suas modalidades (clonagem e duplicagem) muito preocupam autores e editoras. Com relação à pirataria, Ednei Procópio afirma que não é muito vantajoso para uma pessoa piratear um livro, pois todo o processo de cópia, digitalização e afins, requer muito trabalho e necessita de uma grande estrutura, possível somente para profissionais da área.

Uma pessoa que monta uma estrutura para piratear livros não vai ganhar muita coisa com isso. O processo de preparação para a digitalização requer treino e tempo, e tem a questão do custo-benefício para o ladrão [se é que podemos usar esse termo]. (PROCÓPIO, 2010, p.170).

Vários questionamentos se abrem em torno desse assunto, que não se trata apenas da proteção da obra e a garantia dos direitos do autor, mas também questões como a prestação de contas por parte das editoras, para os autores. Os contratos dos autores com as editoras vigoram até que a edição se esgote, ou seja, encerrando a edição encerra o contrato, porém, como se daria isso em se tratando dos ebooks? Isso poderia significar uma armadilha para o autor, fazendo com que ele se torne um “escravo” das editoras, pois os livros eletrônicos não se esgotam.

No Brasil, o direito autoral foi regulado pela Lei 5988/1993. Mas em fevereiro de 1998, entrou em vigor a Lei 9610 que passou a ser a nova Lei de direito autoral. A Lei 9610/98 assegura ao autor, e aos seus herdeiros, o direito de explorar a obra comercialmente, independente do meio em que estiver registrada, num período de setenta anos.

Essa é uma das razões para considerar que o Brasil tem umas das mais severas leis de Direito Autoral do mundo, estando entre as dez piores por ser demasiadamente restritiva, considerando que apresenta várias barreiras à educação e à cultura. Além do que, essa Lei não condiz com a realidade brasileira,

principalmente em se tratando do poder de compra de materiais e objetos ligados a cultura e ao acesso à Internet no Brasil.

Por isso, atualmente está em discussão alterações na Lei de direito autoral brasileira. Essas mudanças devem tratar da reformulação da lei em si, para que se melhore a redação da legislação, para então garantir uma flexibilização e um melhor entendimento para seu uso. Um ponto importante a se modificar na legislação é com relação às exceções e limitações, ou seja, uma maior abrangência quanto a essas questões, para assim possibilitar também um maior acesso à cultura.

Mas como foi dito anteriormente, só o tempo poderá indicar os caminhos certos a se percorrer com relação a esse assunto, pois se trata de algo novo e muitas dúvidas e questionamentos ainda irão surgir.

7.1 *Projeto Google (Google Book Search)*

Nos últimos quatro anos, o Google tem digitalizado milhões de livros pertencentes a acervos das principais bibliotecas do mundo, sendo que muitos deles ainda são protegidos pelo copyright. Mas mesmo assim, tem-se tornado disponíveis para serem buscados na internet.

Segundo a empresa, o objetivo desse projeto é trabalhar com as editoras e bibliotecas para assim criar um catálogo coletivo, onde seja possível realizar pesquisas e que contenham livros de todos os lugares do mundo e em todos os idiomas, fazendo com que leitores encontrem novos livros, e as editoras, novos leitores. O projeto não visa disponibilizar integralmente o livro e sim partes dele para que o leitor possa dar uma “folheada”.

A página inicial do *Google Books Search* difere da outras páginas de pesquisa do Google pelo fato de não mostrar somente o espaço para efetuar a pesquisa por palavra. Aparecem em sua página inicial figuras de livros enfileirados como se estivessem em prateleiras, e ainda, organizados por assunto.



Figura 10 - Página inicial do Google Book Search. Fonte: Google Imagens.

A reação da indústria editorial foi grande. Ela questionava a legalidade do projeto, pois, alegava-se que não só livros em domínio público estavam sendo digitalizados, mas também obras ainda sob o domínio do copyright. Esse projeto derrotou uma ação judicial movida por autores e editores que se sentiram ameaçados com essa iniciativa. A alegação: seus direitos autorais estavam sendo violados. Contudo, após toda essa briga judicial envolvendo os direitos e a violação dos mesmos, ambas as partes resolveram entrar em um acordo.

Darnton afirma que as bibliotecas existem para promover o saber e encorajar uma educação aberta a todos. Já as empresas existem para gerar lucro para os acionistas e não acreditam que a digitalização dos acervos de bibliotecas seja algo benéfico para democratização do conhecimento e do saber, pois com a comercialização de livros digitalizados não seria possível garantir o amplo acesso por parte das bibliotecas. Seria a mesma falha cometida pelas editoras que exploraram o mercado de periódicos científicos, mas numa escala maior, pois transformaria a internet em um instrumento de privatização de um conhecimento que deveria pertencer à esfera pública.

Mas há quem acredite que o Google Book Search pode oferecer um grande benefício para o estudo, pesquisa e para o público em geral, benefícios socioculturais que o projeto possibilitará ao digitalizar informações que estão sob a guarda das bibliotecas.

O que se necessita realmente é de uma grande mudança no copyright, segundo Lessing (*apud* Brittes; Pereira, 2007) afirma que essa mudança deve acontecer tendo em mente quatro princípios norteadores dessa legislação: tem de ser curta; tem de ser simples; tem de estar ativa; tem de pensar no futuro. Ou seja, deve ser uma legislação flexível que estimule o processo de produção criativa.

8 Breve panorama social sobre “o fim do livro”

Nada dura tanto, exceto a mudança. (Heráclito, 540-480 a.C., filósofo grego)

Numa busca simples pela Internet, consegue-se encontrar uma série de discussões e opiniões sobre o “fim do livro”. Normalmente são opiniões bem subjetivas e de cunho meramente especulativo. Contudo, é possível correlacionar fatores de grande relevância para o presente trabalho, a partir de blogs e grupos/fóruns de discussões.

Essa breve análise não tem o objetivo de afirmar nem confirmar nada, seria mais como um agregado de informações e curiosidades, para exemplificar que, apesar do caráter mais comercial e subjetivo, os periódicos, blogs e grupos/fóruns de discussões demonstram que a questão suscitada no presente estudo não possui somente caráter acadêmico, mas que também abrange a sociedade como um todo. Sociedade esta que tem se visto modificada pela atual e constante entrada de novas tecnologias em seu cotidiano.

Ou seja, a intenção é mostrar o ponto de vista das pessoas enquanto usuários, no sentido mais amplo da palavra, e não somente a abordagem dos

estudiosos da área. Seguem abaixo comentários retirados de blogs diversos (observando que não são somente blogs científicos/acadêmicos, mas também blogs que tratam de uma diversidade de assuntos), que demonstram opiniões diversas em relação ao assunto:

Em novembro de 2008, no blog *Noticiência*

<<http://noticienciadigital.blogspot.com/2008/12/o-fim-do-livro-impresso.html>>, post⁴:

O fim do livro impresso?

“Quem diz que o livro impresso vai acabar é imbecil. Comprei um kindle, para ler web livros e já joguei fora. Levei-o de férias para a praia. A tela reflete o sol e você fica cego, não lê nada. A bateria acaba em muito pouco tempo e se encheu de areia e estragou. Mandei consertar, o que ficou muito caro. Molhou num dia e chuva fina e se estragou outra vez. Joguei numa lixeira.”

Em março de 2007, no blog DIGLITMEDIA: literatura e mídia na era digital

<<http://diglitmedia.blogspot.com/2007/03/evolucao-da-especie-livro.html>>, post: A

Evolução da “Espécie” Livro

“Independentemente das suas diferentes configurações e formas, continua a ser um dos mais preciosos legados antepassados e dos mais promissores meios de divulgação informativa, intelectual e cultural de sempre.”

Em abril de 2011, no blog Ler ebooks

<<http://lerebooks.wordpress.com/2011/04/05/a-evolucao-do-livro-video/>>, post: A

evolução do livro

“Apetece dizer, parafraseando Chris Meade, que a «literatura não é feita de papel» e que a magia do livro persistirá independentemente do suporte.”

Comentários: “Realmente o que interessa no fim de contas é a literatura e não o livro enquanto objecto físico. O livro enquanto objecto literário sim, será eterno e evoluirá conforme o meio que o suporta.”

⁴ Post é a atualização, ou seja, publicação realizada no blog.

Em agosto de 2009, no André Forastieri Blog <<http://andreforastieri.com.br/?p=650>>, post: O livro vai acabar e já era hora

“O que vai acontecer, na minha imodesta opinião: sobrarão livros extremamente baratos, dirigidos à população acima de 40, não nativa do mundo digital. E na outra ponta livros extremamente caros, lindos, premium, perfumados, impressos na China, para colecionadores. O grosso do mercado será digital.

Este futuro é próximo? Já estamos nessa trilha. É desejável? Resistir é fútil. Não encontro argumentos para a defesa do livro em papel. Imprimir livros é emburrecer a molecada, desperdiçar recursos importantes e ambientalmente indefensável.”

Em dezembro de 2008, no blog *Já que o mundo não acabou* <<http://jaqueomundonaoacabou.blogspot.com/2008/12/36.html>>, post: #36

“Livros de papel ocuparão assim um lugar semelhante àqueles que o vinil e, de certa forma, o CD ainda representam para o mundo da música. Um artefato de luxo, para quem exige e tem disposição e grana para pagar por uma qualidade melhor na apresentação de um determinado conteúdo. E, como todo artefato de luxo, caro.”

Em 12 de julho de 2007, no blog Ler, escreve e contar <<http://ler-e-escrever.blogspot.com/2007/07/o-futuro-do-livro-segundo-walter.html>>, post: O futuro do livro, segundo Walter Benjamin, em 1926

Importante frisar que não é somente do ponto de vista ‘biblioteconômico’ (como um registro de conhecimento e objeto de trabalho, instrumento de aprendizado, e lazer entre outros) e comercial que toda essa mudança, do livro impresso ao digital, tem afetado a sociedade. Além dessas problemáticas, muitas questões acerca do ponto de vista econômico tem sido levantadas, principalmente em relação ao mercado editorial, tendo em vista a perspectiva de que as grandes editoras poderiam, de fato, vir a ter problemas com essa ‘simples’ troca de suportes de leitura.

9 Coexistência: uma possibilidade?

Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo. (Fernando Pessoa, 1888-1935, poeta português)

Um modelo raramente é definitivo. (Lévy, 1993)

Conforme visto, o livro é nada mais do que um instrumento para registro do conhecimento, um meio seguro de resguardar a memória. E por isso deve-se considerar que tanto impresso quanto eletrônico, o importante é que ele cumpra com sua finalidade.

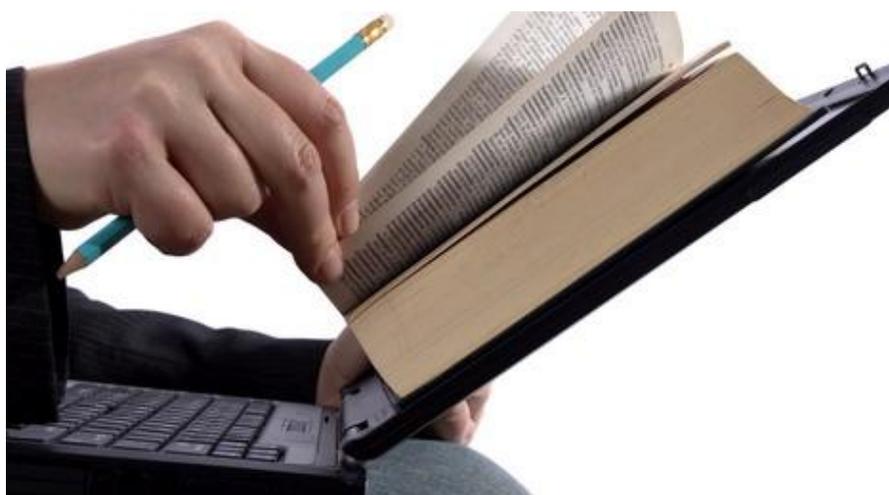


Figura 11 - Duas formas de leitura. Fonte: Google Imagens.

Para Rodrigues (2000 *apud* Bonezi, 2007, p. 11), a essencialidade do livro está em ser o “principal instrumento de extensão da memória coletiva; veículo indispensável para o desenvolvimento do pensamento racional, científico; importante meio de comunicação de massa”.

Surge ainda outra questão: porque deverá necessariamente ser **um ou outro**, como se tem visto frequentemente em discussão. Não conseguirão os livros impressos e os e-books sobreviver lado a lado?

A idéia que fica após toda essa reflexão é que deve-se apostar numa continuidade ao invés de mudança e/ou extinção (ou insucesso) de algum desses suportes de informação. Ao invés de uma revolução no mundo dos livros pode-se pensar no assunto com caráter de evolução, sem necessariamente desmerecer e/ou descartar o “suporte mais antigo”.

Eco (2003) compartilha desse ponto de vista ao dizer que: “A idéia de que uma nova tecnologia abole uma tecnologia anterior é, com frequência, demasiado simplista”, e com isso exemplifica ainda que a criação do automóvel não extinguiu, nem tampouco substituiu o uso da bicicleta. Cabe aqui uma diversidade de pontos de vista, e preferências.

Conforme demonstrado, tanto o suporte tradicional, como o suporte moderno, apresentam suas vantagens (e também desvantagens). Contudo, estas significam uma grande evolução, com “agregação de valores” tanto no estudo quanto no lazer, mas nem por isso significa a substituição definitiva de um pelo outro. Como visto no texto de Victor Hugo:

(...) No entanto, o Faraó estava revelando um medo eterno: o medo de que um novo feito tecnológico pudesse abolir ou destruir algo que considerássemos precioso, útil, algo que representasse para nós um valor em si profundamente espiritual. Foi como se o Faraó apontasse primeiro para a superfície escrita e, depois, para uma imagem ideal da memória humana, dizendo: “Isto matará aquilo”. Mais de um milênio depois Victor Hugo, em *O Corcunda de Notre-Dame*, mostrou-nos um padre, Claude Frollo, apontando seu dedo primeiro para um livro e, então, para as torres e as imagens dessa amada catedral, dizendo “ceci tuera cela”, isso matará aquilo. (*O livro matará a catedral, alfabeto matará imagens*) (HUGO *apud* ECO, 2003).

Em artigo recente, Nardino e Caregnato (2005) abordam a complementaridade que pode surgir entre o surgimento de novas e as “velhas” tecnologias dos suportes informacionais. No sentido de que essas atualizações venham suprir limitações da leitura linear, característica do meio impresso, com a possibilidade de uma leitura não linear, típica do hipertexto, ou, inversamente, com a possibilidade de aprofundamento em temas apenas acessados no meio eletrônico, e cuja leitura detida se torna mais cômoda no texto impresso. Portanto,

as inovações surgem para suprir as necessidades da atualidade, que são tempos que exigem rapidez e agilidade.

O que não se pode esquecer é que nem sempre algo novo “anula” o algo “antigo”, por vezes apenas causa modificações e complementações, ou seja, as novas tecnologias causam grandes mudanças no mundo, mas não têm o poder de apagar aquilo que já existiu.

Vários autores afirmam que a chegada do livro eletrônico trará como consequência o fim do livro impresso, porém isso é algo que não se pode afirmar categoricamente. É difícil prever com exatidão o que irá acontecer com esse suporte que tem sobrevivido ao longo de vários séculos. Porém o mais provável é que ocorra uma coexistência, onde o livro impresso continue dando sua contribuição no processo de evolução da humanidade.

Para Chartier (1998), o livro existe de várias maneiras, sendo o formato eletrônico apenas uma delas. Isso quer dizer que trata-se apenas de uma complementação entre o tradicional e o novo, onde essas duas formas de representação do conhecimento humano poderão conviver pacificamente e a preeminência de um sobre o outro somente o tempo poderá determinar.

10 Considerações finais

Além de maior compreensão acerca dos diferentes formatos do livro e novos leitores, todas essas modificações e interferências tecnológicas no âmbito do livro, exigirão um profissional atualizado, com novas habilidades, novas competências, portanto, o surgimento de um novo perfil para o profissional bibliotecário.

Como exigência desse novo contexto, os bibliotecários devem agir como agentes democratizadores do uso da informação, agregando valores ao uso das tecnologias atuais e à utilização da Internet e todos seus recursos, primando

sempre pela qualidade e precisão dessas informações, para então poder promover melhor acesso à informação disponível também nesse novo formato.

Mas ainda é cedo para anunciar o fim do livro impresso. Isso é fato!

A falta de embasamento e de vivência para afirmar com certeza que seu fim é certo e irremediável conduz toda essa discussão, pontuada ainda por todo esse envolvimento de uma nova forma de leitura, que também é modificada com a massiva utilização da tecnologia.

Entretanto, não se pode negar que os argumentos em favor dos e-books são bastante incisivos, e fazem com que muitos optem por experimentar e querer argumentar em prol da sua supremacia.

Mas como o livro impresso vem sobrevivendo ao longo de séculos, sujeito a constantes modificações, evoluções e revoluções da humanidade, é possível afirmar que tal supremacia não existe. Ou seja, a coexistência desses dois meios, impresso e eletrônico, é a resposta mais aceitável e provável, pois não existe algo que comprove efetivamente que um anulará o outro.

Só o que se tem até o momento são especulações e embates resultantes da variedade de suportes de informação disponibilizados pela tecnologia, das novas questões que surgem referentes ao direito autoral, da sempre presente relação custo-benefício, de questões econômicas e sociais decorrentes da facilidade/dificuldade de acesso às inovações, e da diversidade de gostos e preferências pessoais.

Referências

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação – citações em documentos – apresentação**: NBR 10520. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **Informação e documentação – numeração progressiva das seções de um documento escrito – apresentação**: NBR 6024. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Informação e documentação – referências – elaboração**: NBR 6023. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **Informação e documentação – resumo – procedimento**: NBR 6028. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação**: NBR 14724. Rio de Janeiro, 2011.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: EDUC, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Reflections: essays, aphorisms, autobiographical writings**. New York, Helen & Kurt Wolff, 1978.

BONEZI, Luciane Adami. **Usabilidade dos livros eletrônicos: um estudo de caso com os alunos do curso de Biblioteconomia da UDESC**. Florianópolis, 2007. 75 p. Monografia. (Bacharel em Biblioteconomia) - Habilitação em Gestão da Informação, UDESC, Santa Catarina, 2007.

BRITTES, Juçara Gorski ; PEREIRA, Joanicy Leandra. Tecnologias da informação e da comunicação e a polêmica sobre direito autoral: o caso Google Book Search. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 167-174, jan./abr.. 2007.

Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n1/a13v36n1.pdf>> Acesso em: 05 jun. de 2011.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora UnB, 1999.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DARTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ECO, Umberto. Muito além da internet. **Folha de São Paulo**. Caderno Mais. 14 dez. 2003. p. 4-10. Acesso em: 10 nov. 2010. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=16>.

_____; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010. 269 p. Entrevistas concedidas a Jean-Philippe de Tonnac.

E-BOOKS ameaçam a existência do livro impresso?. **Diário do Pará**, 2010. Disponível em: <<http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-93099-E-BOOKS+AMEACAM+A+EXISTENCIA+DO+LIVRO+IMPRESSO+.html>>. Acesso em: 17 maio 2011.

ESCOLAR SOBRINO, Hipólito. **História do livro em cinco mil palavras**. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1977.

FEBVRE, Lucien Paul Victor; MARTIN, Henri-jean. **O Aparecimento do livro**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

FERNANDES, Millôr. **L.i.v.r.o**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/061206/millor.html>>. Acesso em: 2 maio 2011.

FURTADO, José Afonso. O que é um ebook?. **Ebook Portugal**, 2010. Entrevista concedida ao site eBook Portugal. Disponível em: <<http://ebookportugal.net/2010/04/o-que-e-um-ebook-por-jose-afonso-furtado/>>. Acesso em: 1 jun. 2011.

FURTADO, José Afonso. Ebook vs. livro impresso. **Ebook Portugal**, 2010. Disponível em: <<http://ebookportugal.net/2010/04/ebook-vs-livro-impresso-por-jose-afonso-furtado/>>. Acesso em: 1 jun. 2011.

HOLANDA, Érica de. **E-books: um exercício de democracia pelo consumo do saber digital**, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/signosdoconsumo/article/viewFile/6892/6230>>. Acesso em: 06 maio 2011.

HORCADES, Carlos M. **A evolução da escrita: história ilustrada**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.

KATZENSTEIN, Ursula E. **A origem do livro: da idade da pedra ao advento da impressão tipográfica no ocidente**. São Paulo: HUCITEC, 1986.

LABARRE, Albert. **História do livro**. São Paulo: Cultrix, 1981.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro, *Ed. 34*, 1993.

LIMA, Dulcineia Medeiros ; LEMES, Denise Peralta. **Futuro do livro no Brasil diante dos novos formatos de mídias digitais**, 2010. Disponível em: <http://www.revista.ajes.edu.br/arquivos/artigo_20110220122056.pdf>. Acesso em: 08 maio 2011.

LIVRO em papel sempre terá um mercado. **Baraúna**, 2011. Disponível em: <<http://www.editorabarauna.com.br/blog/category/e-book/>>. Acesso em: 17 maio 2011.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro?. **Estudo Avançados**, v. 8, n. 21, p. 201-214, maio/aog. 1994. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/13.pdf>>. Acesso em 27 jan. 2011.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2. ed.; 4. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS FILHO, Plínio. Direitos autorais na Internet. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 183-188, maio/ago. 1998.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. "São Paulo: Ática, 2002. (ele é a terceira edição e a quinta reimpressão)

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Brique de Lemos, 1999. 206 p.

MENEZES, Kelson Anthony de. **Livro eletrônico**: diferentes ângulos da mesma questão. Monografia de conclusão do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília. Brasília, 2010. 84 p.

MESQUITA, Isabel Chaves Araújo; CONDE, Mariana Guedes. **A evolução gráfica do livro e o surgimento dos e-books**, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0645-1.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

NARDINO, Anelise Tolotti Dias; CAREGNATO, Sônia Elisa. O futuro dos livros do passado: a biblioteca digital contribuindo na preservação e acesso às obras raras. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 381-407, jul./dez. 2005.

NIEDERAUER, Juliano. **Livros eletrônicos vão substituir os livros de papel?** , 2002. Disponível em: <<http://www.niederauer.com.br/artigos/01112002.php>>. Acesso em: 17 mar. 2011.

OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de. **Livros virtuais**: a literatura na rede. (não tem data). Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net/congreso/comms/g06andrade.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2011.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental**. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Edusp, 2010.

PAULINO, Suzana Ferreira. **LIVRO IMPRESSO X LIVRO ELETRÔNICO: a revolução do livro ou uma ruptura definitiva?**, 2009. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume3/Suzana-Ferreira-PAULINO.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

PORTELA, Eduardo (org.). **Reflexões sobre os caminhos do livro**. São Paulo: UNESCO/Moderna, 2003.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital: o mercado editorial e as mídias digitais**. São Paulo: Giz editorial, 2010.

SCHNOOR, Tatiana. **Vendas de e-book para Kindle superam as de livros capa dura**. UOL, 2010. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/valor/2010/07/19/vendas-de-e-book-para-kindle-superam-as-de-livros-capa-dura.jhtm>>. Acesso em: 17 abr. 2011.

SILVA, Francisco Rafael S.; NASCIMENTO, Isabela da Rocha. **Livro eletrônico: novo suporte para o registro do conhecimento**, 2010. Disponível em: <<http://dci.ccsa.ufpb.br/enebd/index.php/enebd/article/viewFile/131/153>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

SILVA, Luiz Otávio Maciel da. **O livro eletrônico: mudando paradigmas**, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/oralpdf/78.a.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2011.

TANAKA, Crib. **Fim do livro impresso?** . iTodas. Disponível em: <<http://itodas.uol.com.br/estilo/fim-do-livro-impresso-22106.html>>. Acesso em: 1 jun. 2011.

VELASCO, Juliana. **O livro eletrônico na prática científica: estratégia metodológica**, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT7-069.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2011.

VENTURA, Gláucia. **A aventura do livro: vantagens e desvantagens de sua viagem pelo meio digital**, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.ccuec.unicamp.br/revista/infotec/artigos/glaucia.html>>. Acesso em: 09 abr. 2011.

VERSIGNASSI, Alexandre. **O fim do livro de papel**. Super Interessante, 2010. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/tecnologia/fim-livro-papel-543161.shtml>>. Acesso em: 16 jun. 2011.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, GianPaolo. **História para o ensino médio: história geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2002.

VONK, Jerome. **O futuro do livro, o livro do futuro?** 2009. Disponível em: <<http://www.jeromevonk.com/ofuturodolivro.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2011.
WIKIPÉDIA. **Livro**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Livro>>. Acesso em: 18 fev. 2011.

ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores?**. São Paulo: SENAC, 2001.

Referências de blogs

A evolução da “espécie” livro. **Digitmedia**: literatura e mídia na era digital. Disponível em: <<http://digitmedia.blogspot.com/2007/03/evolucao-da-espécie-livro.html>>. Acesso em: 30 maio 2011.

A evolução do livro. **Ler ebooks**. Disponível em: <<http://lerebooks.wordpress.com/2011/04/05/a-evolucao-do-livro-video/>>. Acesso em: 29 maio 2011.

A evolução dos livros. **Paperblog**, nov. 2010. Disponível em: <<http://pt-br.paperblog.com/a-evolucao-dos-livros-39790/>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

BRENNER, Wagner. A evolução dos livros?. **Update or die**, set. 2010. Disponível em: <<http://updateordie.com/blog/2010/09/23/a-evolucao-dos-livros/>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

E-book X book: livro impresso tradicional. **Propaganda como entretenimento**: informação, opinião e crítica para o mundo girar, out. 2010. Disponível em: <<http://propagandoentertainment.blogspot.com/2010/10/e-book-x-book-livro-impresso.html>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

FORASTIERI, André. O livro vai acabar e já era hora. **André Forastieri Blog**. Disponível em: <<http://andreforastieri.com.br/?p=650>>. Acesso em: 29 maio 2011.

HAAG, Carlos. O livro morreu? Viva o livro!. **Cellera**: 10 anos, mar. 2011. Disponível em: <<http://celleracom.blogspot.com/2011/03/o-livro-morreu-viva-o-livro.html>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

Livro digital: revolução ou evolução. **Blog do Brands**, abr. 2011. Disponível em: <<http://blogdobrands.blogspot.com/2011/04/livro-digital-revolucao-ou-evolucao.html>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

MAGALHÃES, Ricardo Jordão. **O começo do fim do impresso**. Bizrevolution, 2010. Disponível em: <<http://www.bizrevolution.com.br/bizrevolution/2010/01/ebooks-everywhere.html>>. Acesso em: 1 abr. 2011.

O e-book supera o livro impresso. **Processocom**: grupo de pesquisa em comunicação, 2010. Disponível em: <<http://processocom.wordpress.com/2010/07/29/o-e-book-supera-o-livro-impresso/>>. Acesso em 30 maio 2011.

O fim do livro impresso?. **Noticiênci**a. Disponível em: <<http://noticienciadigital.blogspot.com/2008/12/o-fim-do-livro-impresso.html>>. Acesso em: 30 maio 2011.

O futuro do livro, segundo Walter Benjamin, em 1926. **Ler, escreve e contar**. Disponível em: <<http://ler-e-escrever.blogspot.com/2007/07/o-futuro-do-livro-segundo-walter.html>>. Acesso em 1 jun. 2011.

OLIVEIRA, Gilvanio Correia de. **A escrita: das cavernas ao computador**. Recanto das letras. <http://www.recantodasletras.com.br/poesias/1906710>

Post 36. **Já que o mundo não acabou**. Disponível em: <<http://jaqueomundonaocabou.blogspot.com/2008/12/36.html>>. Acesso em: 1 jun. 2011.

Reler: a transformação sensorial do livro impresso ao e-book. **Marcio Oliverio**, jan. 2011. Disponível em: <<http://marcio.blog.br/2011/01/17/reler-a-transformacao-sensorial-do-livro-impresso-ao-e-book/>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

SCARPIN, Jorge Eduardo. **Fim do livro impresso?**. Professorscarpin, 2010. Disponível em: <<http://professorscarpin.blogspot.com/2010/07/fim-do-livro-impresso.html>>. Acesso em: 16 abr. 2011.

Anexo 1: Levantamento de referências

1. ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.
2. ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Novas Tecnologias: e a população?. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 22, n.1/2, p.92-104, jan./jun. 1989.
3. AQUINO, Mirian de Albuquerque. Metamorfose da cultura: do impresso ao digital, criando novos formatos e papéis em ambientes de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.33, n. 2, p. 7-14, maio/ ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a01v33n2.pdf>> Acesso em: 11 de jun. 2011.
4. BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
5. BARANTIN, Marc; JACOB, Christian (org.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no ocidente. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. 361 p.
6. BARATA, Dulce Fernandes. **Os suportes da história escrita do homem**. Disponível em: <<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=42&rv=Literatura>>. Acesso em: 17 jun. 2011.
7. BEIGUELMAN, Giselle. **O livro depois do livro**. São Paulo: Peiropólis, 2003. Disponível em: <http://www.desvirtual.com/thebook/o_livro_depois_do_livro.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2011.
8. BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **Fim do livro e o livro sem fim**. Disponível em: <<http://filipe.tripod.com/bellei.html>>. Acesso em: 17 jun. 2011.
9. _____. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: EDUC; Florianópolis: UFSC, 2002.
10. BELMIRO, Ângela. Fala, escritura e navegação: caminhos da cognição. In: COSCARELLI, Carla Viana. (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p.13-22.

11. BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (História &... reflexões, n. 3).
12. BENÍCIO, Christianne Dantas. **Do livro impresso ao e-book: o paradigma do suporte na biblioteca eletrônica**. 2003. 142 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003. Disponível em: <http://rabci.org/>. Acesso em: 17 jun. 2011.
13. _____; SILVA, Alzira Karla Araújo da. **Do livro impresso ao e-book: o paradigma do suporte na biblioteca eletrônica**. Biblionline, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/168/1/Do%20livro%20impresso%20ao%20e-book%20-%20biblionline%202005.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2011.
14. BERNARDI, Amarildo José. Informação, Comunicação, Conhecimento: evolução e perspectivas. **Transinformação**, Campinas, 19(1), p. 39-44, jan/abr., 2007. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/pbcib/index.php/pbcib/article/view/670>>. Acesso em: 17 jun. 2011.
15. BESSONE, Tania. A história do livro e da leitura: novas abordagens. **Floema: Caderno de teoria e história literária**, v. 3, n. 5, p. 97-111, out. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/view/130>> Acesso em: 11 de jun. 2011.
16. BIRKERTS, Sven. **The Gutenberg Elegies**. New York: Fawcett, 1994.
17. BOLTER, David e CRUSIN, Richard. **Remediation: understanding the new media**. Cambridge: The MIT Press, 1999.
18. BONEZI, Luciane Adami. **Usabilidade dos livros eletrônicos: um estudo de caso com os alunos do curso de Biblioteconomia da UDESC**. Florianópolis, 2007. 75 p. (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia Habilitação em Gestão da Informação).
19. BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. A problemática dos e-books: um contributo para o estado da arte. In: CONFERÊNCIA IBEROAMERICANA EM SISTEMAS, CIBERNÉTICA E INFORMÁTICA (CISCI), 6., 2007, Orlando (EUA). **Memórias...** Orlando (EUA), v. 2, p. 106-111, jul. 2007. Disponível em:

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6717/1/book.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2011.

20. BRAGANÇA, Aníbal. A mídia impressa, o livro e os desafios das novas tecnologias. **PCLA**, v. 3, n. 1, out./dez. 2001. Disponível em: < <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/documentos%209-3.htm> >. Acesso em: 17 jun. 2011.
21. _____. Introdução à história do livro no Brasil. In. **Margem**. Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: Educ, v. 12, 2000 , p. 169-183. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/margem/m12ab.htm>> Acesso em: 11 de jun. 2011.
22. BRITTES, Juçara Gorski ; PEREIRA, Joanicy Leandra. Tecnologias da informação e da comunicação e a polêmica sobre direito autoral: o caso Google Book Search. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 167-174, jan./abr.. 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n1/a13v36n1.pdf>> Acesso em: 05 jun. de 2011.
23. CAGLIARI, Luiz Carlos. **A escrita no século XXI**: ou talvez além disso. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio28.html>>. Acesso em: 12 jun. 2011.
24. CARVALHO, Kátia de. O admirável mundo da informação e do conhecimento: o livro impresso em papel e livro eletrônico. **Biblos: Revista de Bibliotecología i Ciencias de la Información**, Lima, Peru, v. 7, n. 24, abr./jun. 2006. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/161/16172403.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2011.
25. CASTAGNI, Nicolitta. Gutenberg: a maravilhosa invenção. In: GIOVANNINI, Giovanni, (Org.). **Evolução na comunicação**: do sílex ao silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 85-139.
26. CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. **Shvoong**, set. 2007. Disponível em: < <http://pt.shvoong.com/social-sciences/economics/1664658-sociedade-em-redes/> >. Acesso: 18 maio 2011.
27. CASTRO, Aldemario Araújo. **A Imunidade Tributária do Livro Eletrônico**, 2004. Disponível em: <<http://jusvi.com/artigos/43364>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

28. CAVALCANTE, Marianne C. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antonio C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucena, 2004.
29. CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução: Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.
30. _____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora UnB, 1999.
31. _____. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia. (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; Fapesp, 1999.
32. _____. Desafios na construção de uma biblioteca digital. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 257-268, set./dez. 1999.
33. _____. **Do códice ao monitor: a trajetória do livro**. Estudos Avançados, IEA/USP, v.8, n. 21, p.185-199, 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/12.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2011.
34. _____. **La grande invention de l'écriture et son évolution**. Paris: Klincksieck, 1958.
35. _____. **¿Muerte o transfiguración del lector?** [s.d.]. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/historia/CarlosV/recurso1.shtml>>. Acesso em: 19 jun. 2011.
36. _____. **Os desafios da escrita**. Tradução: Fulvia M. L. Moretto. Editora UNESP. São Paulo, 2002.
37. CLÉMENT, Jean. **Le e-book est-il le futur du livre?**. Lyon: Les Presses de l'Enssib/Association Doc-Forum/La Biennale du savoir, 2000.
38. COHEN, Marcel. **L'Écriture**. Paris: Éditions Sociales, 1953.
39. COOVER, Robert. **The End of Books**. New York: The New York Times Book Review, 1992.

40. CORRAL, Milagros del. A cultura do escrito na era da globalização: qual o futuro para o livro? In: PORTELLA, Eduardo (org). **Reflexões sobre os caminhos do livro**. São Paulo: UNESCO / Moderna, 2003, p. 193-204.
41. CORREIA, Ana Lúcia Merege. O livro impresso, trajetória e contemporaneidade. In: PEREIRA, Maria de Nazar´Freitas; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (orgs.). **O sonho de Otlet: aventura em tecnologia da e informação e comunicação**. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000. p. 27-46.
42. COSCARELLI, Carla Viana. Entre textos e hipertextos. In: _____. (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 65-84.
43. _____.; RIBEIRO, Ana Elisa. (org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. (Coleção Linguagem e educação)
44. COSTA, Sely Maria de Souza. Impactos Sociais das Tecnologias de Informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v.19, n.1, p.3-22, jan./jun. 1995.
45. DARTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
46. DEBRAY, Régis. The Book as Symbolic Object. In: **The Future of the Book** . Geoffrey Numberg(Ed.). Berkeley: University of California Press, 1996.
47. DERRIDA, Jacques. Le livre à venir. In: _____, Jacques. **Papier Machine**. Paris: Éditions Galilée, 2001, p.30.
48. DIAS, Cláudia Augusto. Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 269-277, set./dez. 1999. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ci/v28n3/v28n3a4.pdf. Acesso em: 15 jun. 2011.
49. DIAS, Paulo. Hipertexto, hipermídia e media do conhecimento: representação distribuída e aprendizagens flexíveis e colaborativas na web. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 13, p. 141-167, 2000. Universidade do Minho, Braga.

50. DOCTORS, Márcio. (org.). **A Cultura do Papel**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.
51. DORIA, F. A. e DORIA, P. Visão do futuro. In: _____ Comunicação: dos fundamentos à internet. Rio de Janeiro, Revan, 1999. Págs. 299-303.
52. DRABENSTOTT, K. ; BURNAN, C.M. Revisão analítica da biblioteca do futuro. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v.26, n.2, p. 180-194, jun. 1997.
53. ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1990.
54. ECO, Umberto. Muito além da internet. **Folha de São Paulo**. Caderno Mais. 14 dez. 2003. p. 4-10. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=16>. Acesso em: 14 jun. 2011.
55. _____; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010. 269 p. Entrevistas concedidas a Jean-Philippe de Tonnac.
56. EISENSTEIN, Elisabeth L. **A Revolução da imprensa: os primórdios da Europa moderna**. São Paulo: Ática, 1996.
57. EPSTEIN, Jason. **O Negócio do Livro: passado, presente e futuro do mercado editorial**. Tradução: Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Record, 2002.
58. ESCARPIT, Robert. **A revolução do livro**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1976.
59. ESCOLAR, Hipólito. **História do livro em cinco mil palavras**. São Paulo: Quíron, 1977.
60. _____. **História universal del libro**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1993. (Biblioteca del libro; 58).
61. FARBIARZ, Alexandre; NOJIMA, Vera Lúcia Moreira dos Santos. **Um breve olhar sobre a ruptura eletrônica do livro**. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP04_farbiarz.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2011.

62. FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Modos de ler, formas de escrever:** estudos de história de leitura e da escrita no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
63. FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Novo dicionário do livro: da escrita ao multimídia.** Lisboa: Círculo de Leitores, 1999.
64. FERNANDES, Millôr. L.i.v.r.o. Veja On-line, 2006. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/061206/millor.html>>. Acesso em: 2 maio 2011.
65. FERREIRA, José Rincon. O impacto da Tecnologia da Informação Sobre o Desenvolvimento Nacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v.23, n.1, p.9-15, jan./abr.1994. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/1162>>. Acesso em: 17 jun. 2011.
66. FERREIRO, Dalmir. O livro, esse estranho amigo. **Jornal A Tribuna**, 29/10/2003. Disponível em: <http://www.ufac.br/informativos/ufac_imprensa/2003/10out_2003/artigo985.html>. Acesso em: 12 fev. 2011.
67. FRANCO, Marcelo Araújo. **Ensaio sobre tecnologias digitais da inteligência.** Campinas: Papyrus, 1997.
68. FROSSARD, Vera. **A trajetória do livro:** da matéria impressa ao mundo digital novas possibilidades emergem para a aquisição do conhecimento. Orientadores: Maria de Nazaré Freitas Pereira e Carlos José Pereira de Lucena. Rio de Janeiro: UFRJ-ECO/IBICT, 1998. Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciência da Informação). 43 p.
69. _____. Tipos e bits: a trajetória do livro. In: PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (orgs.). **O sonho de Otlet: aventura em tecnologia da e informação e comunicação.** Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000. p. 47-73.
70. FURTADO, José Afonso. **Livro e leitura no novo ambiente digital.** Lisboa: Universidade de Lisboa Departamento de Educação, 2002. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/afurtado/index.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

71. _____. **O papel e o pixel**. Coimbra : Cibercultura, 2003. Disponível em:<
<http://www.cibercultura.com> >. Acesso em: 14. Jun. 2011.
72. GANDELMAN, Henrique. **De Gutenberg à Internet**: direitos autorais na era digital. Rio de Janeiro: Record, 1997.
73. GÓMEZ, Maria Nélide Gonzáles de. A Informação: dos estoques às redes. **Ciência da Informação**, Brasília, v.24, n.1, p.77-83, jan./abr. 1995.
74. GRAVES, Robert. Comentários sobre “Codificações lineares e não-lineares da realidade” In: CARPENTER, Edmund; McLUHAN, Marshall (Orgs.). **Revolução na comunicação. Tradução**, Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.
75. HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: EDUSP, 1985.
76. HOLANDA, Érica de. **E-books**: um exercício de democracia pelo consumo do saber digital, 2009. Disponível em:
<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/signosdoconsumo/article/viewFile/6892/6230>>. Acesso em: 06 maio 2011.
77. HORCADES, Carlos M. **A evolução da escrita**: história ilustrada. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.
78. JEAN, Georges. **La escritura**: memoria de la humanidad. Tradução Enrique Sánchez Hormigo. Barcelona: Ediciones B, S. A. , 1998.
79. JOBIM, José Luís. **A produção textual e a leitura**: entre o livro e o computador. In: _____. Formas da teoria. 2. ed. Rio de Janeiro: Caetés, 2003. p. 217-242.
80. _____. **Autoria, leitura e bibliotecas no mundo digital**. Artigo inédito, apresentado na UPF, Passo Fundo, 16 jul. 2004.
81. JUSTINO, Ana Cristina Fernandes Cortês Santana. **E-Book**. Pós-graduação em Ciências da Informação e da Documentação. Tecnologias de Informação Documental. Porto, Junho de 2006.

82. KATZENSTEIN, Ursula E. **A origem do livro**: da idade da pedra ao advento da impressão tipográfica no ocidente. São Paulo: HUCITEC, 1986.
83. KEMENY, John G. **Homem e Computador**. Rio de Janeiro: Cia Gráfica Lux, 1974.
84. LABARRE, Albert. **História do livro**. São Paulo : Cultrix, 1981.
85. LANCASTER, F. W. Publicação eletrônica e o futuro da biblioteca. In: **CONGRESSO LATINO AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO**, 2, 1994, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1995.
86. LANDOW, G.P. **Hypertext**: the convergence of contemporary critical theory and technology. Baltimore; London: The John Hopkins University Press, 1992.
87. LANDOW, George P. Twenty Minutes into the Future. In: **The Future of the Book**, Geoffrey Numberg(Ed.). Berkeley: University of California Press, 1996.
88. LAROSE, Robert; STRAUBHAAR, Joseph. **Comunicação, Mídia e Tecnologia**. Tradução: José Antonio Lacerda Duarte. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004. Disponível em:<<http://books.google.com.br/books?id=dUewZduJHIC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 10 abr 2011.
89. LEVACOV, Marilia. **Bibliotecas virtuais [r]evolução?**. Disponível em: <www.ibict.br/cionline/260297/26029702.htm>. Acesso em: 13 mar. 2011.
90. LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.
91. LÉVY, Pierre. **Cibercultura**, 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2000.
92. LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS)
93. LIMA, Dulcineia Medeiros ; LEMES, Denise Peralta. **Futuro do livro no Brasil diante dos novos formatos de mídias digitais**. 2010. Disponível em:

<http://www.revista.ajes.edu.br/arquivos/artigo_20110220122056.pdf>. Acesso em: 08 maio 2011.

94. LONGO, Brunella. **La nuova editoria**: mercato, strumenti e linguaggi del libro in Internet. Milano: Editrice Bibliografica, 2001.
95. LOURENÇO, Mariana Simões. Edição digital: aspectos e perspectivas da produção de e-books no Brasil. In: **SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL**, 1., 2004, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/marianasimoes.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2011.
96. MACHADO, Arlindo. **Fim do livro?**. Estudo Avançados, v. 8, n. 21, p. 201-214, maio/ago. 1994. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/13.pdf>>. Acesso em 27 jan. 2011.
97. MANGEL, Alberto. **O destino da leitura na era da WEB**. Revista Veja, São Paulo, v. 33, n.52, p.10-106, 2000.
98. _____. **Uma história da leitura**. 2. ed.; 4. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
99. MANSO, Eduardo J. Vieira. **O que é direito autoral**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
100. MARTIN, Henry-Jean; FEBVRE, Lucien. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Hucitec/ Ed.Unesp, 1992.
101. MARTINS FILHO, Plínio. Direitos autorais na Internet. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 183-188, maio/ago. 1998.
102. MARTINS, Gustavo. **Veja como funcionam os e-readers, candidatos a substitutos dos livros**. UOL, 2008. Disponível em: < <http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/2008/10/20/ult4326u1152.jhtm> >. Acesso em: 1 jun. 2011.
103. MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed., il., ver. e atual. São Paulo: Editora Ática, 2002.

104. MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 206 p.
105. McLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1972.
106. MCMURTRIE, Douglas C. **O livro**: impressão e fabrico. 2ª ed. Lisboa: FCG, 1982.
107. MELLO JUNIOR, José de. A evolução do livro e da leitura. **Revista Editor**. v. 2, nº 8. fev./mar. 2000.
108. _____. Identidade cultural, conhecimento e mercado editorial: o livro na fronteira do impresso com o eletrônico. In: **SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE O LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL**, 1., 2004, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro: UFF, 2004. Disponível em: <<http://livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/josedemellojr.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2011.
109. MELLO, José Barboza. **Síntese histórica do livro**. Rio de Janeiro: Ed. Leitura, 1972. 110.
111. MENEZES, Kelson Anthony de. **Livro eletrônico**: diferentes ângulos da mesma questão. Monografia de conclusão do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília. Brasília, 2010.
112. MESQUITA, Isabel Chaves Araújo; CONDE, Mariana Guedes. **A evolução gráfica do livro e o surgimento dos e-books**, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0645-1.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2011.
113. MILLER, Laura. Duas semanas com um e-book. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 09 abr. 2000. Caderno Mais, p. 10-11.
114. MOURÃO, José Augusto Funambulismos: A narrativa e as formas de vida tecnológicas, In: **Revista de Comunicação e Linguagens**, Número Extra, Junho de 2002.
115. NASCIMENTO, Alcione Maria do. **Uso de novas tecnologias e o profissional da informação**. Disponível em:

- <<http://www.biblio.ufpe.br/discentes/alcione/trabalho1.htm>>. Acesso: em 13 mar 2011. 136 p.
116. NETLIBRARY. [s.l.]: **Foxmovies**, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.netlibrary.com/>>. Acesso em: 12 fev. 2011.
117. NIEDERAUER, Juliano. **Livros eletrônicos vão substituir os livros de papel?**. 2002. Disponível em: <<http://www.niederauer.com.br/artigos/01112002.php>>. Acesso em: 1 jun. 2011.
118. NUNES, João. Arriscado Materialidade(s) do(s) texto(s) e práticas culturais. In: **Revista de Comunicação e Linguagens**, Número Extra, Junho de 2002, p. 397.
119. OFFMAN, Craig; et al. O livro morreu! Viva o e-livro! **Caderno Mais**. Folha de São Paulo, São Paulo, 9 abr. 2000.
120. _____. Admirável e-livro novo. **Caderno Mais**. Folha de São Paulo, São Paulo, 09 abr. 2000, p.3-7.
121. _____. O e-livro. **Caderno Mais**. Folha de São Paulo. 9. abr. 2000.
122. OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de. **Livros virtuais**: a literatura na rede. 2000. Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net/congreso/comms/g06andrade.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2011.
123. OLIVEIRA, José Renato Gomes de. O FUTURO DO LIVRO NA ERA DA COMPUTAÇÃO. **Revista Eletrônica O Olho da História**, Salvador, p. 1-15, 2004. Disponível em: <<http://www.oohodahistoria.ufba.br/artigos/futurodolivro.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2011.
124. OLLENDORF, Christine; FROCHOT, Didier. L'evolution des méthodes de travail documentaire avec internet. **Documentaliste**: Sciences de L'information, Paris. v. 32, n. 6, p. 313-318, 1995.
125. OLSON, David R. **O mundo no papel**. São Paulo: Ática, 1996.

126. _____; TORRANCE, Nancy (Org.). **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1996.
127. OTLET, Paul. **Traité de documentation, le livre, théorie et pratique**. Bruxelles: Editions Mundanum, 1934.
128. OXNER, Willian; CHARLAB, Sérgio. A Revolução da Informação: o mundo on-line. **Jornal do Brasil**: foco JB, São Paulo, 19 / jan./ 1995, p.10-11.
129. PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Edusp, 2010.
130. PAIVA, Marcus Vinícius Jacob. Os impactos das bibliotecas virtuais sobre os hábitos de leitura e estudo. 2008. 136 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social) da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008. Disponível em: < <http://www.overmundo.com.br/banco/os-impactos-das-bibliotecas-virtuais-sobre-os-habitos-de-leitura-e-estudo> >. Acesso em: 30 maio 2011.
131. PAIXÃO, Fernando (Coord.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
132. PARANAGUÁ, Pedro. **Direitos autorais, novas tecnologias e acesso ao conhecimento**: além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 123-132.
133. PASTOR SÁNCHEZ, Juan Antonio; SAORÍN PÉREZ, Tomás. **El hipertexto documental como solución a la crisis conceptual del hipertexto**: el reto de los documentos cooperativos en redes. Disponível em: <<http://debiblio.yoll.net/articulos/art13.html>>. Acesso em: 24 ago. 2004.
134. PAULA, Lícia Pupo de. Novas tecnologias e bibliotecas: uma síntese. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.25, n.1/2, p.42-45, jan./jun. 1992.
135. PAULINO, Suzana Ferreira. **Livro impresso X Livro eletrônico: a revolução do livro ou uma ruptura definitiva?**, 2009. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume3/Suzana-Ferreira-PAULINO.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

136. PEREIRA, Edmeire Cristina; RUTINA, Raquel. O século XXI e o sonho da biblioteca universal: quase seis mil anos de evolução na produção, registro e socialização do conhecimento. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 5 - 19, jan./jun.1999. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/590/359>>. Acesso em: 30 maio 2011.
137. PEREIRA, M. Bibliotecas Virtuais: realidade, possibilidade ou alvo de sonho. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, jan./abr., 1995. p.101-109.
138. PETRUCCI, Armando Lire pour lire: un avenir pour la lecture, In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger, dir. **Histoire de la lecture dans le monde occidental**. Paris: Éditions Du Seuil, 1997, p.409.
139. PORTELA, Eduardo (org.). **Reflexões sobre os caminhos do livro**. São Paulo: UNESCO/Moderna, 2003.
140. PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital: o mercado editorial e as mídias digitais**. São Paulo: Giz editorial, 2010.
141. PROJECT GUTENBERG. 2003. Disponível em: <<http://promo.net/pg/>>. Acesso em: 13 dez. 2011.
142. QUEIROZ, Rita. A informação escrita: do manuscrito ao texto virtual. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000513/01/RitaQueiroz.pdf>>. Acesso em 17 maio. 2011.
143. _____. Manuscritos, livros e computador: o progresso cultural da humanidade. **Tribuna Feirense**, [s.l.], 21 nov. 2004, p. 3.
144. _____. **Documentação manuscrita: legado cultural**. Tribuna Feirense, Feira de Santana, 01 ago. 2004. Tribuna Cultural, p. 2.
145. RAMAL, Andréa C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

146. REIMÃO, Sandra. Estudos sobre a produção editorial e história dos livros no Brasil: algumas observações. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004. Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro, 2004.
147. REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro**. São Paulo: Com-Arte: Fapesp, 1996.
148. REIMÃO, Sandra. Mídia Impressa, mídia eletrônica. **Revista Comunicação & Sociedade**, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, n. 30, 1998.
149. RENA, Alemar. **Os e-books assustam mas não ameaçam**. Disponível em: <http://www.fluxoonline.com/literatura/literatura_ibook.htm>. Acesso em: 12 jun. 2011.
150. REVISTA SUPERINTERESSANTE. Gutenberg, as primeiras impressões: perfil de Johannes Gutenberg. **Revista Superinteressante**, n. 24 out. 2003.
151. RIBEIRO, Amanda do Prado. O livro eletrônico e transformações na industrial editorial. SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004. **Anais...** Rio de Janeiro: [s.n.], 2004.
152. RIBEIRO, Ana Elisa. Que texto é esse?. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 11.; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 1., 2006. **Anais...** Uberlândia, [s.n.], 2006.
153. ROBREDO, Jaime. Considerações Prospectivas para as Próximas Décadas Sobre a Evolução da Tecnologia da Informação no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 22, n.1/2, p.7-38, jan./jun. 1989.
154. ROCHA, Ruth; ROTH, Otávio. **A história do livro**. São Paulo, 2005.
155. RODRIGUES, Jeorgina Gentil. Da "galáxia de Gutenberg" ao ciberespaço: do livro impresso ao eletrônico. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 19., 2000. **Anais eletrônicos...** Rio Grande do Sul, Centro de eventos da PUCRS, 2000. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000750/01/T091.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2011.

156. ROSENTHAL, Michael. **A bookseller ponders a digital future**, 1998. Disponível em: <http://www.usc.edu/isd/publications/Network7-98/Mar-Apr_98/feature-book's_future.html>. Acesso em: 13 maio 2011.
157. ROSETTO, Marcia. Os Novos Materiais Bibliográficos e a Gestão da Informação: livro eletrônico e biblioteca eletrônica na América Latina e Caribe. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v.26, n.1, p.54-64, jan./abr. 1997.
158. ROSETTO, Marcia._____. **Dispositivos eletrônicos portáteis dedicados à leitura**. [s.l.]: eBookCult, 2003. Disponível em: <<http://www.ebookcult.com.br/ebookzine/hardware.htm>>. Acesso em: 24 maio 2011.
159. SÁ, Fernando (org.). **Notas Sobre a Evolução Gráfica do Livro**. Comum. Rio de Janeiro: Faculdades Integradas Hélio Alonso, 2001. v. 6, n. 17.
160. SABBATINI, Renato M. E. Livros eletrônicos: o futuro. **Jornal Correio Popular**. Campinas, 6 ago. 1999. Disponível em: <<http://www.sabbatini.com/renato/correio/cp990806.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2011.
161. SALVIATI, Maria Elisabeth. Publicação Eletrônica: perspectivas na sociedade pós-industrial. **Revista da escola de Biblioteconomia**. UFMG, v.23, n.1, p.28-42, jan./jun. 1994.
162. SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. [s.l.]: Paulus, 2004.
163. SANTOS, Aparecida Ribeiro dos; et al. O DESTINO DA EDITORAÇÃO, DO LIVRO E DA LEITURA NA ERA WEB. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. **Anais eletrônicos...** Campo Grande: INTERCOM, 2001.
164. SANTOS, Cibele. Livro eletrônico começa a decolar. **Revista Meio & Mensagem**, São Paulo: Meio & Mensagem, p.52, n. 8, nov. 1999.
165. SANTOS, Ecileni; et al. **Informação medieval, cultura do livro impresso ao eletrônico**. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem02pdf/sm02ss04_02.pdf> Acesso em: 11 de jun. 2011.

166. SCHIFFERLI, Eduardo Antonio Calliñir. **Livro e leitura na era digital**, [s.d.] Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/0/05/GT4-03-Livro_e_leitura_-_Eduardo.pdf>. Acesso em: 18 maio 2011.
167. SILVA, Deonísio da. **Novas trilhas na Galáxia Gutenberg**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al110420011.htm>> Acesso em: 12 jan. 2011.
168. SILVA, Edina; et al. A influência das tecnologias no acesso a informação e na produção do conhecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO, 33. 2010, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, UFPB, jul. 2010.
169. SILVA, Edna Lúcia da; CUNHA, Mirian Vieira da. A formação do profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v.31, n. 3, p. 77-82, set./dez. 2002.
170. SILVA, Francisco Rafael S.; NASCIMENTO, Isabela da Rocha. **Livro eletrônico: novo suporte para o registro do conhecimento**, 2010. Disponível em: <<http://dci.ccsa.ufpb.br/enebd/index.php/enebd/article/viewFile/131/153>>. Acesso em: 11 abr. 2011.
171. SILVA, Giana Mara Seniski; BUFREM, Leilah Santiago. Livro eletrônico: a evolução de uma idéia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom/Portcom, 2001. Disponível em: <<http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/4495/1/NP4BU-FREM.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2011.
172. SILVA, Luciane Teixeira da. Ler no papel, ler na tela, ler o mundo. **Artefactum: Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia**. v. 3, n. 2, jun. 2010.
173. SILVA, Luiz Otávio Maciel da. O livro eletrônico: mudando paradigmas. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12., 2002, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: SNBU, 2002. Disponível em: <<http://www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/oralpdf/78.a.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2011.
174. SILVA, Luiz Otávio Maciel da. **O livro eletrônico: mudando paradigmas**. [s.d.]. Disponível em:

- <<http://www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/oralpdf/78.a.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2011.
175. SILVA, Luiz Otavio Maciel da. Sotbook e Rocket Book: O livro eletrônico dos átomos aos bits. In: PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro (org.); PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas (org.). **O Sonho de Otlet**: Aventura em Tecnologia da Informação e Comunicação. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/ DEP/ DDI, 2000.
176. SILVA, Terezinha Elizabeth da. Metáforas da memória. **Encontros Bibli**: Revisita Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 21, p. 85-94, 1º Sem. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/270/333>>. Acesso 15 abr. 2011.
177. SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Exclusão digital**: a miséria na era da informação. 1. reimpr. [s.l.]: Fundação Perseu Abramo, [19-?]. (Coleção Brasil Urgente).
178. SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Internet e acesso livre**. [s.l.]: Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.eesc.usp.br/nomads/sergio.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2011.
179. SMITH, Frank. A leitura na era da eletrônica. In: **Leitura significativa**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
180. SOARES, Wander. A tecnologia, o livro e a leitura, 2003. Disponível em: <http://www.abrelivros.org.br/abrelivros/01/index.php?option=com_content&view=article&id=25:a-tecnologia-o-livro-e-a-leitura&catid=12:palavra-da-diretoria&Itemid=17>. Acesso em: 14 mar. 2011.
181. STANTON, Michael. As bibliotecas no tempo da Internet. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/tecnologia/coluna/stanton/2001/mai/29/106.htm>>. Acesso em: 17 maio 2003.
182. STANTON, Michael. **As bibliotecas no tempo da Internet**. Disponível em: <<http://www5.estadao.com.br/tecnologia/coluna/stanton/2001/mai/29/106.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2011.
183. **Tira dúvidas**. EbooksBrasil, 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/informe/faq.html>>. Acesso em: 14 jun. 2011.
184. TOFFLER, Alvin e Heid. **A Terceira Onda**. Rio de Janeiro, Record: 1980.

185. UEHARO, Dalva. **Em vez de papel, arquivos; em vez de livraria, a internet; em vez de livros, e-books**: será que o hábito da leitura eletrônica vai vingar no país?. Disponível em: < <http://www.terra.com.br/revistas/> >. Acesso em: 13 mar. 2011.
186. UZANNE, Octave. **O fim dos livros**. São Paulo: Octavo, 2010.
187. VANDENDORPE, Christian. **Du papyrus à l'hypertexte**: essai sur les mutations du texte et de la lecture. Paris: La Decouverte, 1999.
188. VELASCO, Juliana. **O livro eletrônico na prática científica**: estratégia metodológica, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT7--069.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2011.
189. VENTURA, Gláucia. **A aventura do livro**: vantagens e desvantagens de sua viagem pelo meio digital, 2003. Disponível em: <<http://www.ccuec.unicamp.br/revista/infotec/artigos/glaucia.html>>. Acesso em: 09 abr. 2011.
190. VENTURI, Jacir J. **A biblioteca de Alexandria, a imprensa de Gutenberg e a Internet**. Disponível em <<http://shs.cemol.com.br/articulistas/artigo0010.asp>>. Acesso em: 2 mar. 2011.
191. VILLAÇA, Nízia. **Impresso ou eletrônico?**: um trajeto de leitura. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
192. VILLATA, Luiz Carlos. **A história do livro e da leitura no Brasil Colonial**: balanço historiográfico e proposição de uma pesquisa sobre o Romance. Minas Gerais: [s.d.]. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/livroeleitura.pdf>> Acesso em: 11 de jun. 2011.
193. VONK, Jerome. **O futuro do livro, o livro do futuro?**. 2009. Disponível em: <<http://www.jeromevonk.com/ofuturodolivro.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2011.
194. WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, v. 29, n.2, p.71-77, mai./ago. 2000.

195. **WHAT is Project Gutenberg?**: history and philosophy of Project Gutenberg. Illinois, USA: M. Hart, ago, 1992.
196. **WHAT'S an ebook?** Disponível em:
<<http://www.ebookbet.com/about/indexwhere.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2011.
197. XAVIER, Antonio C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz A; _____. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucena. 2004.
198. XAVIER, Antônio Carlos S. **Leitura, texto e hipertexto**. Disponível em:
<<http://www.unicamp.br/~hytex/lth10.htm>.Arquivoconsultado em 24/05/00>.
Acesso em: 15 mar. 2011.
199. YVESMOLLIER, Jean. A história do livro e da edição: um observatório privilegiado do mundo mental dos homens do século XVIII ao século XX. **Varia História**, Belo Horizonte, v.25, n. 42, p. 521-537, jul./dez. 2009. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-877520090002000008&script=sci_arttext> Acesso em: 11 de jun. 2011.
200. ZATZ, L. **Aventura da escrita**: história do desenho que virou letra. São Paulo: Moderna, 1995.
201. ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores?**. São Paulo: SENAC, 2001.

Anexo 2: Texto do Millôr Fernandes

L.I.V.R.O.

Existe entre nós, muito utilizado, mas que vem perdendo prestígio por falta de propaganda dirigida, e comentários cultos, embora seja superior a qualquer outro meio de divulgação, educação e divertimento, um revolucionário conceito de tecnologia de informação.

Chama-se de **Local de Informações Variadas, Reutilizáveis e Ordenadas – L.I.V.R.O.**

L.I.V.R.O. que, em sua forma atual, vem sendo utilizado há mais de quinhentos anos, representa um avanço fantástico na tecnologia. Não tem fios, circuitos elétricos, nem pilhas. Não necessita ser conectado a nada, ligado a coisa alguma. É tão fácil de usar que qualquer criança pode operá-lo. Basta abri-lo!

Cada **L.I.V.R.O.** é formado por uma seqüência de **folhas** numeradas, feitas de papel (atualmente reciclável), que podem armazenar milhares, e até milhões, de informações. As páginas são unidas por um sistema chamado **lombada**, que as mantém permanentemente em seqüência correta. Com recurso do **TPO – Tecnologia do Papel Opaco** – os fabricantes de **L.I.V.R.O.S** podem usar as duas faces (**páginas**) da folha de papel. Isso possibilita duplicar a quantidade de dados inseridos e reduzir os custos à metade!

Especialistas dividem-se quanto aos projetos de expansão da inserção de dados em cada unidade. É que, para fazer **L.I.V.R.O.S** com mais informações, basta usar mais **folhas**. Isso porém os torna mais grossos e mais difíceis de ser transportados, atraindo críticas dos adeptos da portabilidade do sistema, visivelmente influenciados pela nanoestupidez.

Cada página do **L.I.V.R.O.** deve ser escaneada opticamente, e as informações transferidas diretamente para a **CPU** do usuário, no próprio cérebro, sem qualquer formatação especial. Lembramos apenas que, quanto maior e mais complexa a informação a ser absorvida, maior deverá ser a capacidade de **processamento** do usuário.

Vantagem imbatível do aparelho é que, quando em uso, um simples movimento de dedo permite acesso instantâneo à próxima página. E a leitura do **L.I.V.R.O.** pode

ser retomada a qualquer momento, bastando abri-lo. Nunca apresenta "**ERRO FATAL DE SENHA**", nem precisa ser **reinicializado**. Só fica estragado ou até mesmo inutilizável quando atingido por líquido. Caso caia no mar, por exemplo. Acontecimento raríssimo, que só acontece em caso de naufrágio.

O comando adicional moderno chamado **ÍNDICE REMISSIVO**, muito ajudado em sua confecção pelos computadores (**L.I.V.R.O.** se utiliza de toda tecnologia adicional), permite acessar qualquer página instantaneamente e avançar ou retroceder na busca com muita facilidade. A maioria dos modelos à venda já vem com esse **FOFO** (softer) instalado.

Um acessório opcional, o **marcador de páginas**, permite também que você acesse o **L.I.V.R.O.** exatamente no local em que o deixou na última utilização, mesmo que ele esteja fechado. A **compatibilidade** dos marcadores de página é total, permitindo que funcionem em qualquer modelo ou tipo de **L.I.V.R.O.** sem necessidade de configuração. Todo **L.I.V.R.O.** suporta o **uso simultâneo** de vários marcadores de página, caso o usuário deseje manter selecionados múltiplos trechos ao mesmo tempo. A capacidade máxima para uso de marcadores coincide com a metade do número de páginas do **L.I.V.R.O.**

Pode-se ainda **personalizar** o conteúdo do **L.I.V.R.O.**, por meio de anotações em suas margens. Para isso, deve-se utilizar um periférico de **Linguagem Apagável Portátil de Intercomunicação Simplificada – L.A.P.I.S.**

Elegante, durável e barato, **L.I.V.R.O.** vem sendo apontado como o instrumento de entretenimento e cultura do futuro, como já foi de todo o passado ocidental. São milhões de títulos e formas que anualmente programadores (editores) põem à disposição do público utilizando essa plataforma.

E, uma característica de suprema importância: **L.I.V.R.O.** não enguiça!